

ILUSTRAÇÃO



3.º ANO
NÚMERO 71

Lisboa, 1 de Dezembro de 1928

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4\$00

Veramon

Schering



O mal estar proprio da mulher alcanca com frequencia, especialmente nas mulheres delicadas e muito sensiveis, um grau verdadeiramente atormentador. Não só as incapacita para cumprir com as exigencias da vida diaria, mas ainda, pela sua repetição terminam taes incomodos por intrinsecer o seu animo. Consulte a seu medico. Elle lhe dirá se esses incomodos são originados por uma sensibilidade nervosa aumentada. O Veramon da casa Schering de Berlin faz desaparecer o mal estar, tomando um comprimido de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas sem produzir efeitos nocivos. Adquira V.Ex.º um tubo de 10 e 20 comprimidos e convencer-se-ha d'isso.

607616



OS TRIUNFOS GANHOS

COM

OS PRODUCTOS

SHELL

**ECOAM EM TODAS AS PARTES
DO MUNDO!**

**EM INUMERAS PROVAS DE GRANDE RES-
PONSABILIDADE EM QUE SE EXIGE O
FUNCIONAMENTO PERFEITO DUM MOTOR
E UM MAIOR RENDIMENTO, TEEM SIDO
ESCOLHIDOS OS**

PRODUCTOS SHELL

**QUE ESTÃO AFIRMANDO DEFINITIVAMENTE
A SUA SUPERIOR CLASSE**

GAZOLINA - OLEOS - PETROLEO

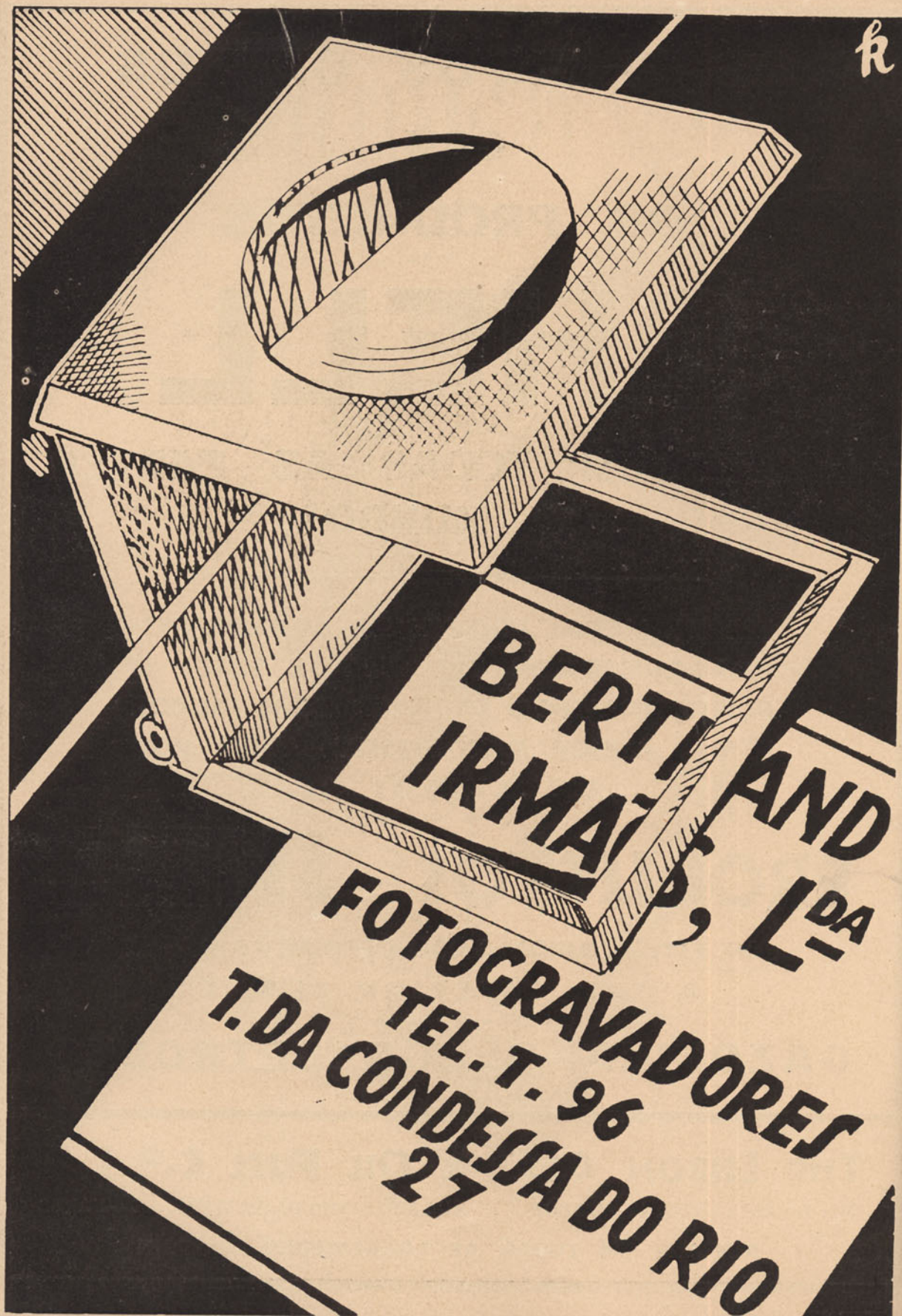
THE LISBON COAL & OIL FUEL C.^o L.^{TD}

RUA DO CRUCIFIXO, 49 — LISBOA

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 246 — PORTO

AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ

R

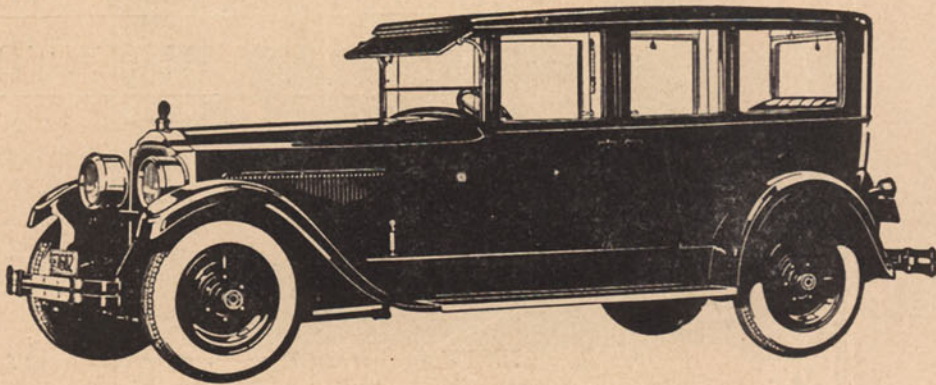


BERTI AND
IRMÃS, L. DA

FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
T. DA CONDESSA DO RIO
27

Packard

SÓ FABRICA CARROS DE 8 CILINDROS CHASSIS CURTO
O MAIS ELEGANTE DOS CARROS CHASSIS LONGO



MODELOS 1929 JÁ A VENDA



PEDIR INFORMAÇÕES E VISITAR O NOSSO

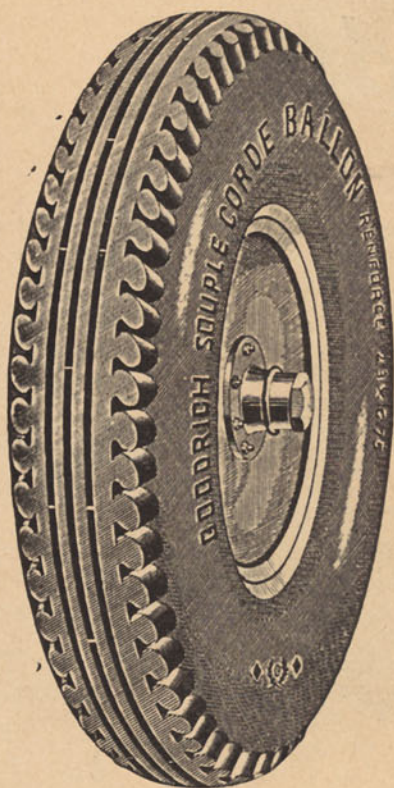
SALÃO DE EXPOSIÇÃO:

4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.^A L.^{DA}

LISBOA—PORTO



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS
RESISTENTE E DE
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, P. Duque da Terceira

LISBOA

59, Avenida dos Aliados

PORTO

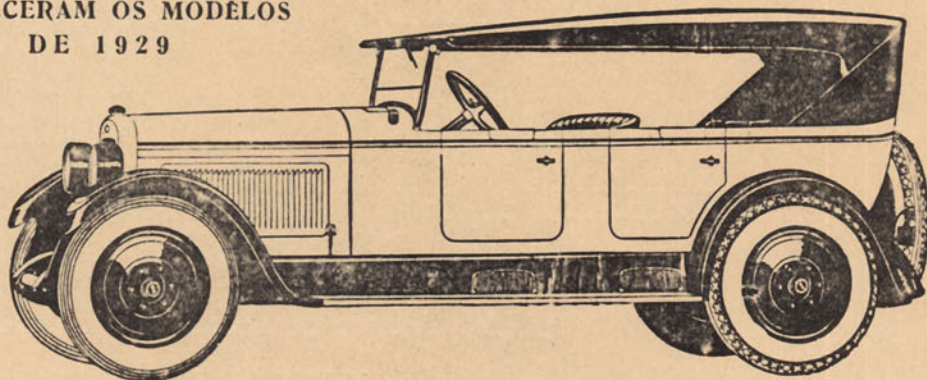
OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

AUTOMOVEIS

DIVERSOS TIPOS

O CARRO UTILITÁRIO

APARECERAM OS MODELOS
DE 1929

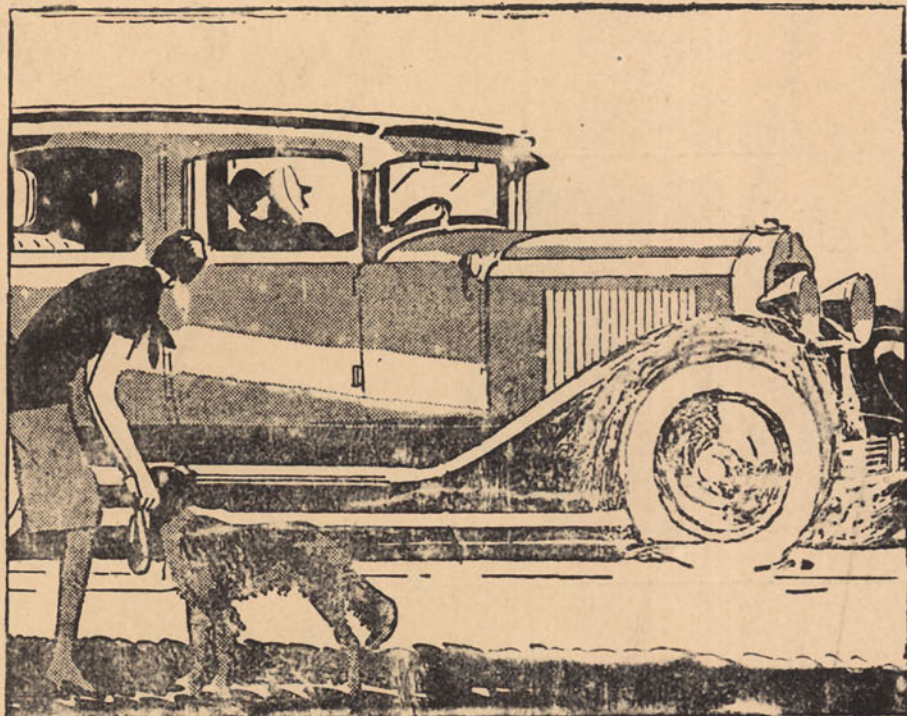


AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO

A beleza e estilo de Buick são o complemento da sua maior velocidade e da sua notável reprise



Novo triunfo - nova pagina na gloriosa carreira do Buick

O modelo 1929 tem novas linhas, carrocerias mais elegantes, e o seu já celebre motor está ainda mais aperfeiçoado

UM quarto de século de constantes aperfeiçoamentos, vinte e cinco anos de progresso ininterrupto, tanto nas suas carrocerias como na sua parte mecânica, tiveram por ultima consequencia que, ao apresentar-se hoje o modelo Buick para 1929, se possa oferecer um carro perfeito e certo em todos os elementos que o compõem. De extremo a extremo, é inteiramente novo o seu aspecto. As suas linhas, mais compridas e mais baixas, dão ás carrocerias, construidas pela sciencia de Fisher, um sêlo nobre de elegancia e de juventude que é realçado pela beleza das côres, harmonisamente combinadas

Forte para poder ser veloz

A grande reprise conseguida pelos engenheiros do Buick é agora ainda mais rápida; conseguiu-se tambem que o motor, já celebre pela sua potencia, desenvolva agora, com facilidade, velocidades de 100, de 120, ou de ainda mais, kilometros á hora.

O Buick 1929, como, d'ahi, os seus antecessores, possui, além desta reserva de força, a solidez que é necessaria, não só para desenvolver grandes velocidades, mas para as manter sem quebra nem risco.

São estes elementos que atrafram sempre ao Buick todos aquêles que, tendo que levar uma vida de continua actividade, tem que servir-se de um carro em que possam confiar, e confiar sempre.

Todo o comprador de um Buick sabe que, adquirindo este carro, adquire um producto da General Motors, e que, por traz da eficiencia particular que é celebre na marca, está a eficiencia geral que é lêma da General Motors, e efeito dos seus enormes recursos, materiais e technicos.

Visite hoje mesmo o salão de exposiçào do concessionario do Buick que lhe esteja mais próximo. Êle lhe mostrará o que é este carro, e, ao vêr o carro, verá as razões que o tornam o preferido entre os carros de luxo.

São os homens de destaque nos negoctos e nas profissões liberais que, escolhendo o Buick, o tornaram justamente célebre



BUICK

General Motors Pecuñeulas, S. A. — Madrid.

L. C. SMITH

(L. C. SMITH & BROS)



A MAQUINA DE ESCREVER QUE, PELA SUA RESISTENCIA E RAPIDEZ, TODOS PREFEREM

CADA BARRA DE TIPO TRABALHA COM ROLAMENTO DE ESFERAS

Pedir catalogos e detalhes aos representantes exclusivos para Portugal e Colonias

THE MODERN OFFICE LTD.

107, RUA DO ALECRIM, 109

TELEPHONE Trindade 66

CORNETA BOSCH

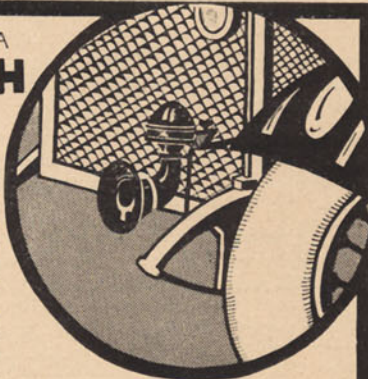
É o alarme que mais convém aos automobilistas, porque tendo um som melodioso e prolongado, com repercussão a 2 quilómetros, que na cidade pôde ser amortecido, oferece ainda a vantagem dum consumo reduzidissimo. Aquisição a preço vantajoso.

Representante exclusivo de

ROBERT BOSCH A. G., STUTTGART

Escritório Técnico Roberto Cuell

PORTO — Passos Manoel, 41



PHOSCAO

O mais delicioso dos almoços
O mais poderoso dos reconstituintes

O Phoscao constitui o alimento ideal, como primeira refeição da manhã. O chá e o café são unicamente excitantes do organismo, enquanto que o Phoscao, alimenta, tonifica e estimula sem fadigar o estomago, tornando, portanto, a todos os tempos ramentos.

O seu uso é aconselhado pelos medicos, tanto ás pessoas saudaveis, como aos doentes, convalescentes, anemicos, idosos, oitipelicos, amas de leite e as mães no periodo da amamentação.

EM TODAS AS MERCEARIAS, FARMACIAS E DROGARIAS
LATA ESC. 9\$00

Envia-se uma amostra gratis a quem a solicitar aos

UNICOS IMPORTADORES

Estabelecimentos Jeronimo Martins & Filho

LISBOA

O NOVO ASPECTO D'UM GRANDE CAMPEÃO

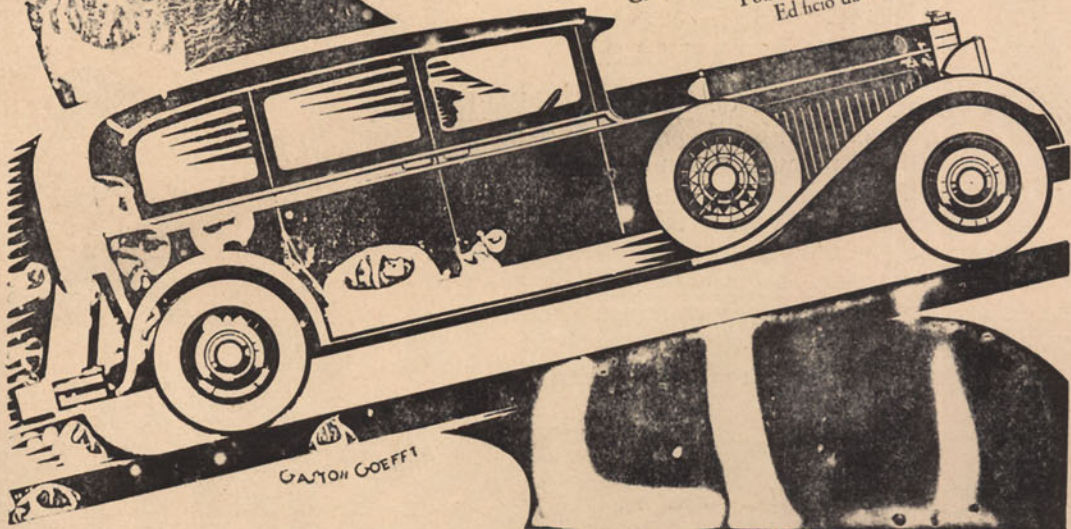
Studebaker revestiu o seu novo carro Director d'uma beleza incomparavel e dotou-o de esmerados melhoramentos mecânicos. Os seus novos amortecedores hydraulicos e o emprego — exclusivo da Studebaker — de brinços montados sobre esferas, os quaes não necessitam de lubrificação senão após 35.000 k lometros, evitam ao Director todo e qualquer solavanco por muito detestavel que seja a estrada.

Todos os detalhes do novo carro Director, bem como o colozido luxuoso da sua carroserie em novos tons, teem o cunho da experiencia proverbial da Studebaker. E, dada a modicidade do seu preço, êle constitue o mais vantajoso emprego de capital.

Vinde examiná-lo nos nossos salões e dae-vos ao prazer de conduzir este carro verdadeiramente maravilhoso, o carro sensacional da época.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

Unicos representantes para Portugal :
C. SANTOS, LDA. - LISBOA : Rua do Crucifixo 55 a 59
PORTO : Praça da Liberdade
Edificio da Nacional.



STUDEBAKER



bôa digestão.
somno reparador.

At. Cadu
Médico

"SAL de FRUCTA"
ENO

Dorme-se mal porque o nosso somno é perturbado pelas más digestões. Eno's "Fruit Salt" tomado com regularidade (uma colher das de café, num copo de agua, de manhã e à noite) ajudará a obter digestões bem feitas e, conseqüentemente, um somno reparador.

Durante cerca de 60 anos Eno's "Fruit Salt" tem sido reputado, em todo o mundo, como o mais suave e infalível auxiliar das funções digestivas. Todos podem, portanto, ter confiança nele.

"FRUIT SALT"

As pastilhas "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno" são marcas da fabrica registadas.

Existe sempre a marca ENO'S "FRUIT SALT"

Depositaros em Portugal:

ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA

NYTHIS
Parfuma de
GELLÉ FRÈRES
PARIS

ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
AGUA DE COLONIA
SABONETE

Se Vendida em Lozetas em Bozcas Osmas
Agentes gener. STETTIN & CO. S. de Madzdra 27E. LONDA

LISBOA - MADRID
NOS

JUNKER'S

às 3.^{as}, 5.^{as} e sabados

PREÇO Esc: 500\$00
15 quilos de bagagem livre

Serviços Aereos Portugueses, Ltd.
Avenida da 1. Verdade, 3

Tobler

A TENTACÃO DAS CRIANÇAS!

Uma caixa de TOBLER'S TABLETS é para elas um brinde precioso e sempre desejado, porque contem um variado sortido das especialidades de chocolate que elas mais apreciam.

Fabricado na Suíça com produtos rigorosamente seleccionados e por um processo especial que o torna muito rico em vitaminas, o Chocolate TOBLER não é só uma deliciosa gulodice mas sobretudo um alimento concentrado dos mais completos.

A VENDA EM TODAS AS BOAS CONFEITARIAS

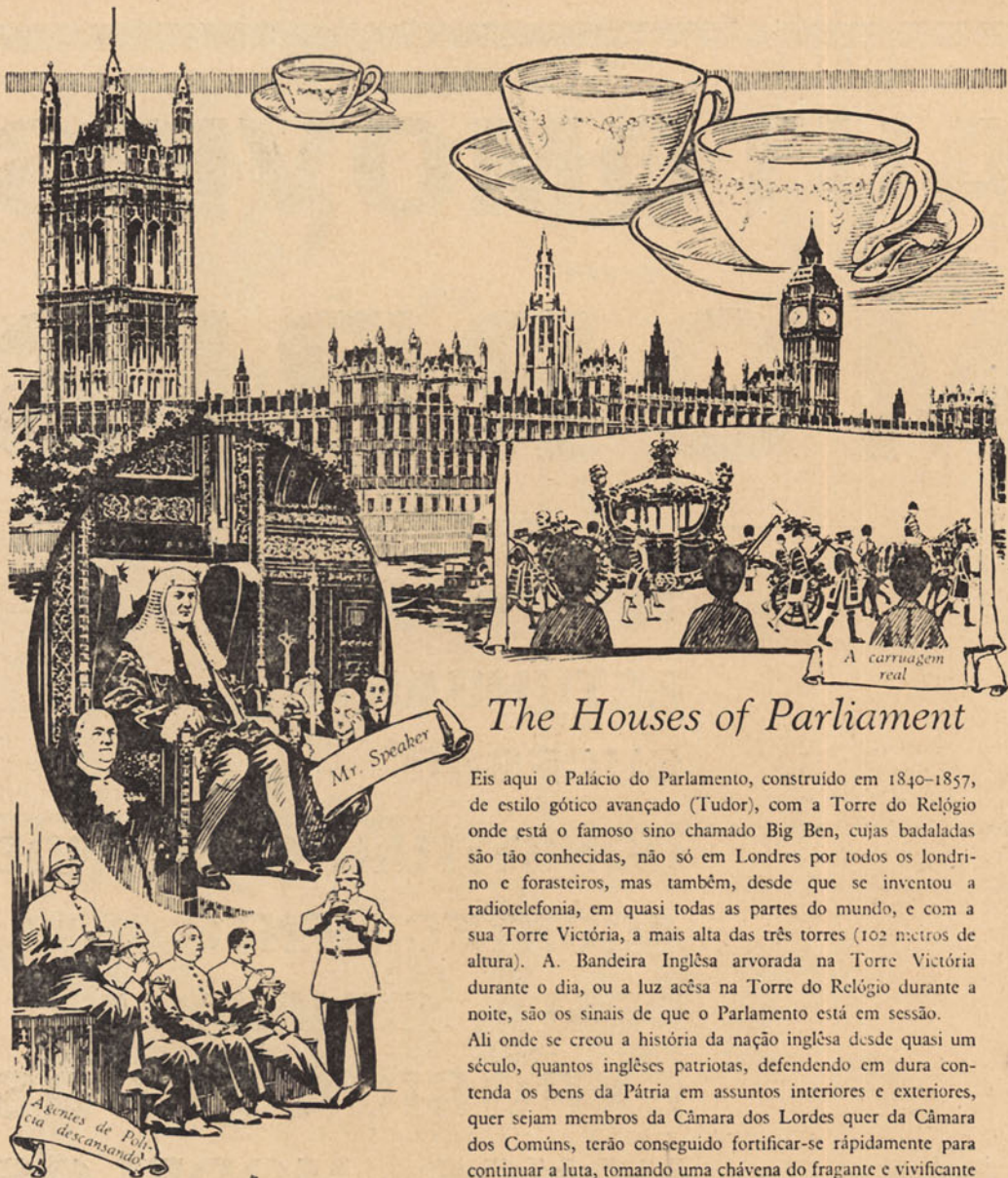
AUTOMOVEIS MORRIS

**TEM CAUSADO
RETUMBANTE
SUCESSO**

**CONSTITUIU O GRANDE
ACONTECIMENTO
DESTA SEMANA A
EXPOSIÇÃO DOS
NOVOS MODELOS
PARA 1929**

A. M. ALMEIDA L.^{DA}

**39, RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 39-A
LISBOA**



The Houses of Parliament

Eis aqui o Palácio do Parlamento, construído em 1840-1857, de estilo gótico avançado (Tudor), com a Torre do Relógio onde está o famoso sino chamado Big Ben, cujas badaladas são tão conhecidas, não só em Londres por todos os londrinos e forasteiros, mas também, desde que se inventou a radiotelegrafia, em quase todas as partes do mundo, e com a sua Torre Victória, a mais alta das três torres (102 metros de altura). A Bandeira Inglesa arvorada na Torre do Relógio durante o dia, ou a luz acêsa na Torre do Relógio durante a noite, são os sinais de que o Parlamento está em sessão. Ali onde se creou a história da nação inglesa desde quasi um século, quantos ingleses patriotas, defendendo em dura contenda os bens da Pátria em assuntos interiores e exteriores, quer sejam membros da Câmara dos Lordes quer da Câmara dos Comuns, terão conseguido fortificar-se rapidamente para continuar a luta, tomando uma chávena do fragante e vivificante

CHÁ HORNIMAN

Fornecedores afamados de todos os Estabelecimentos de importância da Gran-Bretanha ha mais de 100 anos. A Chá Horniman prepara-se expressamente para V Sras do mesmo modo que para todos os países do mundo, em recipientes apropriados à conveniência de cada comprador.



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. d'Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Garrett, 73, 75—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Rua Anchieta, 25

Telef. C. 1084

1 DE DEZEMBRO DE 1928



O ENCERRAMENTO DO SALÃO DA "VOGA,"



O BRILHANTÍSSIMO SALÃO DA «VOGA», DEPOIS DE ENCERRAR AS SUAS PORTAS AO PÚBLICO TEVE A DEFINITIVA FESTA DE ENCERRAMENTO NUMA REUNIÃO DE TODOS OS ILUSTRES EXPOSITORES E ARTISTAS COLABORADORES COM OS ORGANIZADORES E DIRIGENTES DA EXPOSIÇÃO. *Em cima, à esquerda:* AS SENHORAS DE FAMÍLIA DOS EXPOSITORES E ARTISTAS COLABORADORES DAS FESTAS QUE ASSISTIRAM À FESTA. *À direita:* ALGUNS DOS EXPOSITORES E ARTISTAS. *Em baixo:* GRUPO DOS CONVIVAS NA CEIA DE DESPEDIDA

(Foto ilustrações)

CRONICA DA QUINZENA

Quando o Bois e o Luxembourg, com o estio da folha, mais não parecem que montões imensos de brocados sacerdotais, nesta quadra alternante de sol e cinzas, abre suas portas, colorido e viçoso, o Salão de Outono. Noutros tempos este salão era uma espécie de lazareto onde só expunham os pestíferos da arte ou os loucos que haviam vendido a paleta ao Diabo. Quando a arte oficial os não bania dos seus grêmios, eram eles que, orgulhosamente, se rebelavam contra ela.

Chamavam-lhes rapins, moravam a Montparnasse, em frios e nus ateliers, entre o «modêlo», criaturinha graciosa, sofredora e suja, e a lâmpada de álcool em que cosinhavam o magro *beafsteck à six sous*. Teriam vindo, batendo as portas, do casarão proficiente da Rua Bonaparte, da Academia Julien, em que pontificava Jean Paul Laurens com seu culto jansenista pelas regras tradicionais, ou da Grande Chaumière, onde os mestres impunham o gosto das belas formas e das amáveis e justas proporções. Teriam vindo dali, ou de nenhuma parte, sem iniciação na alma, se não nos lábios o estribilho zombeteiro do *ou s'en fout...*

O artista ante-guerra tinha a sua personalidade, um pouco cabotina, um pouco estudada, sempre inconfundível. Chapéu de largo bordo, gravata à Lavallière, de braço dado com a galdéria, a tomar o café de cima do zinco dos bars, trincando o cachimbo pelas ruas, via-se logo que era ele. Montparnasse não passava duma grande e quieta aldeia no coração mesmo de Paris. Os cafés eram pequenos como botecoquins de Lisboa, no tempo de Pina Manique; jogava-se neles o dominó com o patrão e «madames» até altas horas. Hoje são grandes como «gares» e majestosos como catedrais.

Não havia lá, tampouco, as boites, que arremedam Montmartre, e lhe roubam a clientela transatlântica. Casas de chá, lojas de modas, pequeninas e herméticas como *boudoirs*, lojas de flores, onde uma rosa se vende mais caro que o alqueire de trigo na nossa terra, não figuravam no comércio do bairro. O *Marchand de couleurs* era o mestral dominador.

Montparnasse, depois da guerra, revestiu outro fôlego, como outro fôlego a sua população. Inegável que esta já era cosmopolita nos bons tempos, mas, passala pelo crisol, ficava pura, decantadamente montparnassiana.

O artista — pois que a pintura adorna hoje todos os lares e a estatuária não chega para as encomendas das inumeráveis cidades, vilas e aldeias que, pelo vasto mundo, capricham em honrar os seus heróis — o artista endinheirou-se. Veste pelo último padrão, barbeia-se, bebe *champagne*, fuma charuto.

Picasso e Van Dongen estadeiam de *Rolls-Royce*.

Em correspondência com a metamorfose exterior, a sua psíquica evoluiu. Já não arremete contra as formulas empedernidas; já não vai estudar com os novos Chevreuil a ciência das cores; já se não bate contra os «botas de elástico» como contra os picres inimigos do género humano. O próprio fundador do cubismo ri do cubista que foi; e o Matisse das flores cromáticamente apopléticas, carnudamente patológicas, pode florir sem escândalo, o solitário da marquesa mais preciosa.

A arte, fixando-se, é certo, no plano impressionista, entrou numa fase conservadora. Porque esgotou todas as possibilidades de renovação? Porque se consumiu a tentar? Neste cansasso poderá residir uma das causas da sua estagnação, não todas. Na pintura, Manet, Mounet, Cezanne impuzeram a teoria do meio contra a teoria da cor local, dando à luz, até o reflexo do reflexo, a naturalidade duma figurante; os seus sequazes, interpretando o princípio novo, criaram-se nomes singulares e invejados: Henry Martin, Sisley, Simon, etc.

Os cubistas, no meio do seu Carnaval geométrico, suscitaram a noção do volume. Aliaram os neo-impressionistas ao sentido

realista da cor o respeito pelo desenho e o culto da harmonia, tão grato aos clássicos. Horda bárbara, com o seu quê de místico e de burlesco, os futuristas não deixaram mais que o conceito de movimento que não souberam, nem puderam realizar, pois que passaram como lava sobre todos os valores adquiridos.

Depois destas tentativas, para que outros recursos podia apelar uma arte, como a pintura, tão fechada, tão restricta, senão confinar-se cada profissional no seu poder técnico, no seu temperamento, no seu gosto, no emprêgo da sua gramática, sem onsar mais à originalidade que pelo cunho pessoal?

O carácter utilitário e atropelante da nossa época contribuiu, em grande *dose*, para matar o revolucionário em arte. O artista contemporâneo procura menos a glória que o proveito; mais satisfazer que satisfazer-se; mais realizar ao gosto do público que realizar-se.

Há uma moral de pé e consiste em que para lá da vida não há nada que mereça condicionar a vida. Que pintor teria força de ânimo e constância para absorver sete anos, como Leonardo de Vinci, a trabalhar a *Joconde*?

Já David só consumiu dois anos no monumental e espalhafatoso *Sacre* de Napoleão, e David era de ontem.

O Salão de Outono que, há alguns anos a esta parte, representava a guerra contra o existente e o consagrado, reflecte este desolador estado de coisas. Saídosos tempos! Os mestres, que, no dia do vernissage, lá arriscavam pé, se eram fortes, faziam-no de sorriso amarelo nos lábios; se tímidos, à socapa, enguias dentro do fraque. O público mofava à grande e à francesa, chegando ao *cri de dindon* como perante a *Olympia*, de Manet. Hoje os mestres dêste Salão são tão medalhados e tão ordeiros como os dos outros Salões; o público já não distingue; contempla, admira — e alfa e omega para a arte hodierna — compra.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

AQUILINO RIBEIRO.

ECOS E FACTOS



A ESQUERDA: — Aspecto do Salão de chá dos Grandes Armazens Nascimento, no Pôrto, mostrando uma parte da selecta assistência, que faz daquele salão um ponto obrigatório de elegância e arte. Ao centro, um dos manequins da casa de modas Albano Ramos Pais & Filho que, numa das tardes de Novembro, mostrou os últimos modelos de roulettes às mais distintas famílias do Pôrto, marcando uma attitude de parisi-nismo e civilização inédita e elegantíssima

EM BAIXO, à direita: — Acaba de ser entregue no Mi-nistério da Marinha o reservatório do avião de Guil-berth e Amundsen que testemunha o desastre e a perda dos dois heróis

(Foto H. Mannel).

NO OVAL, à esquerda: — Na estrada de Fomalção a Barrimau deu-se um horrível desastre de camionetes de que resultou a morte de três pessoas

(Foto A. Martins).



EM CIMA: — Reunião da colónia brasileira, do Pôrto, no consulado do Brasil por ocasião do aniversário daquela República irmã

(Foto A. Martins).

NO OVAL: — Barthou e Briand, os grandes nomes do actual gabinete francês, em França, à saída do Elysee onde foram prestar o seu compromisso de honra

(Foto H. Mannel).

EM CIMA: — Inauguração, com a assistência do Senhor Embaixador de Inglaterra, sir Colville Barclay, correspondente do «Times» e outras individualidades, da nova exposição dos magníficos automóveis ingleses «Morris», no «stands» da firma A. M. Almeida, na rua da Escola Politécnica. A exposição tem obtido o mais re-tumbante successo devido à excellência dos carros expostos

(Foto «Ilustração»).



Recepção, no «Hotel de Ville» de Paris à delegação portuguesa que foi entregue à França o monumento de La Couture.—A esquerda: O monumento de Teixeira Lopes aos heróis do reduto de La Couture em 9 de Abril de 1925
(Fotos H. Manuel)



O «raid» Lisboa-Loanda-Lourenço Marques—O alto comissário de Angola apresentando os seus cumprimentos aos aviadores à sua partida de Loanda
(Foto Havana)



EM BAIXO: — S. A. R. o príncipe dos Países Baixos (de chapéu) tendo à sua esquerda o sr. Marquez de Faria, delegado português, à saída da sessão plenária final da Conferência Internacional da Cruz Vermelha realizada na Haia



NO OVAL: — Os aviadores na Beira (África Oriental) — A multidão rodeando um dos aviões da patrulha

EM BAIXO, à esquerda: — Na Beira — Os capitães Viegas e Pais Ramos, tenente Esteves e mecânico Manuel António, saindo dum das solenidades com que foram homenageados

(Fotos Willie N. Singh)



O I SALÃO DE OUTONO



Stand e produtos de incontestável beleza. Os tapetes de Beiriz que foravam as paredes do Salão de Outono, os exibidos no stand e aqueles sobre os quais os manequins vivos de Santos & Júlio e Madame Vale faziam a sua apresentação conquistaram mais um êxito, em absoluto merecido mercê da sua beleza, da perfeição do seu fabrico e da excelência das matérias empregadas. (Menção honrosa)



A DIREITA: — O lindo stand de Ach. Prito, perfumistas afamados, criação elegantíssima de Amílcar Pinto, que causou grande êxito e obteve a 1.ª menção honrosa na decisão do júri reunido para classificar os stands

EM BAIXO: — O moderno e esplêndido stand que a benemérita Companhia dos Telefones instalou no I Salão de Outono da Elegância Feminina & Artes Decorativas e stand base que tem causado sensação pelo seu arrojado e beleza, decorado por Carlos Botelho e que obteve o 2.º prêmio (medalha de prata)



Um dos mais belos stands do Salão da «Voga» e no qual se exhibiu o maravilhoso amplificador eléctrico, assombrosa realização da sciência moderna, e expressamente enviado pela His Master's Voice para ser exposto no Salão, era o do Grande Bazar do Porto, L.ª



(Todas as nossas fotos foram executadas pelo fotografo de arte Mário de Novais e são exclusivas da Ilustração)



Os vidros artísticos expostos constituiram o enlevo de quantos tiveram ensejo de os admirar. Não se pode fazer melhor nem mais bello: no estrangeiro nada existe que possa competir com os produtos de arte da Companhia Industrial Portuguesa. Os vidros artísticos de requintada estilização expostos no seu stand no Salão da «Voga» eram, sem sombra de hesão, autênticas maravilhas. (Menção honrosa)



Expressamente para figurarem no Salão de Outono enviou a Gillette Safety Razor a Portugal e por meio de avião, alguns dos seus mais belos e luxuosos aparelhos. Os seus representantes, em Portugal e Colónias, srs. João Machado da Conceição & C.ª, podem estar satisfeitos com a sua apresentação no Salão da «Voga»



O moderníssimo stand dos grandes perfumistas *Alina* da Rue de La Paix e cujos produtos os frequentadores da *Salão de Outono da «Foga»* justamente têm admirado



Não é preciso ir ao estrangeiro para admirar os enormes progressos na arte de bem calçar. O calçado de luxo, da *Fábrica Flite*, exposto num lindíssimo stand do *Salão de Outono* marcou inelutavelmente. Não se faz melhor lá fora, em que pese a quantos se apostam em antepor o estrangeiro ao nacional



«Mais frio do que o gelo» era o lema que encimava os admiráveis aparelhos *Frigidare* apresentados pela firma *Denis M. Almeida*, da *Avenida da Liberdade*. Da maior eficiência para a conservação de doces e iguarias, esses aparelhos foram admirados por todos quantos tiveram ocasião de os ver trabalhando



EM CIMA: — Não precisava a *Casa Chinesa* de reclamar os seus produtos. Mas, apesar disso não quiseram os donos da afamada casa lisboeta deixar de concorrer ao *Salão de Outono* apresentando um stand verdadeiramente sensacional e formosíssimo donde se admiravam artísticas loiças e curiosidades chinesas requintadamente artísticas. E para completar a *Casa Chinesa* contou o *Chá «Foga»* que obteve um extraordinário êxito de venda

A DIREITA: — O bellissimo stand da grande firma *Simões & C. L.* e donde os inúmeros frequentadores do *Salão de Outono* têm admirado magníficos exemplares de tecidos de malha e meias de luxo, dos melhores que se poderiam fabricar em Portugal. (Menção honrosa)



EM BAIXO: — A grande multidão de pessoas que acorreu ao *Salão de Outono da Escadaria Feminina de Artes Decorativas* teve ocasião de admirar no stand modernista do *Mercado Internacional* em Lisboa de *Paulino Ferreira* as mais belas produções da faiança e vidraria estrangeiras, sendo realmente difícil optar por esta ou aquela, tanta a beleza dos objectos expostos



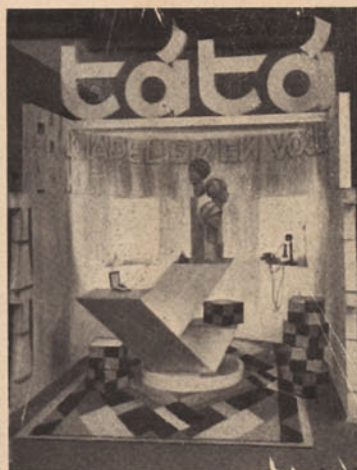


FRANCISCO SANTOS—Estudo de nú

O TRIUNFO DO SALÃO DA VOGA



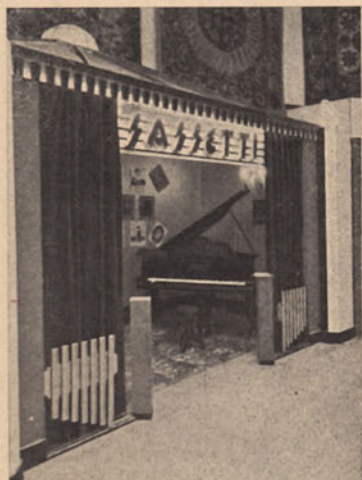
Um dos mais belos e artísticos stands do 1 Salão de Outono da Elegância Feminina & Artes Decorativas era o da casa Júlio Gomes Ferreira & C.ª L.ª. A excelência dos objectos expostos, impunha-se causando admiração pela sua utilidade e pela sua arte inegável. (Menção honrosa)



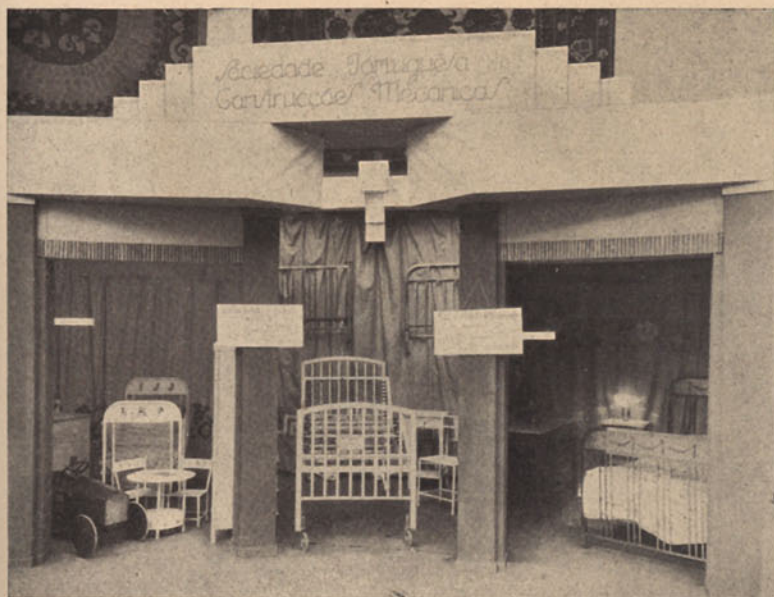
Pelo arrojo das suas linhas modernistas e pelo inegável encanto que lhe se desprendia, o stand apresentado pela aliamada casa Tátiá, chapeteiro em voga constituiu a admiração dos muitos milhares de pessoas que visitaram o Salão da Voga e que apreciaram a sóbria e perfeita obra do pintor António Soares, que bem marcou a sua notável visão decorativa. Este stand obteve, por unanimidade, o primeiro prémio (medalha de ouro) entre todos os stands.



Não foi das menores atracção do Salão o stand apresentado por Bettencourt Iros. As tintas e vernizes Ducourt, que serviram para as decorações do recinto da exposição e dos chás elegantes contribuíram poderosamente para o embelezamento do maior espectáculo de arte dos últimos tempos em Portugal.



Uma casa que sabe ser progressiva e amar as grandes manifestações de arte, a casa Sassetti. O seu stand, simples e moderno, guardava dentro de si uma das melhores produções da mecânica: os pianos Grollier-Silveira. As numerosas edições artísticas de música chamavam a atenção de todos os visitantes.



EM CIMA: — O melhor elogio que se poderia fazer dos Willys-Knight é que, pouco depois de aberto o Salão de Outono, os dois magníficos carros expostos estavam vendidos. Maravilha da mecânica moderna, os famosos semi-válvulas eram o encanto de todos os visitantes mercê da sua perfeição e elegância.

A ESQUERDA: — Um quarto para criança, um para doentes e um outro para pessoa solteira: três prodígios de execução perfeita. Produtos repletamente nacionais, realizados por artistas portugueses, nada mais se lhes poderia exigir inúmeras eram a perfeição e arte postas na sua factura, devida à Sociedade Portuguesa de Construções Mecânicas.

REU de MORTE

por

Diaz Fernandez

desenhos de

Eduardo Malta



Um dos últimos sucessos literários da vizinha Espanha foi certamente a publicação de «El Blocao» — novelas de Marrocos — que veio dar a conhecer o nome de Diaz Fernandez como um escritor com magníficas condições de romancista e na posse dum estilo notável de carácter e de flexibilidade expressiva.

Por especial deferência daquelle nosso amigo, oferecemos aos leitores da nossa «Ilustração» uma das mais sugestivas novelas do novo livro, certos de que o jóvem escritor espanhol há-de deixar em Portugal a excelente impressão que a melhor crítica do seu país foi unânime em manifestar.

Quando chegámos à nova posição, já os caçadores estavam formados fora da aramagem, com os seus «bonets» desbotados e os seus bornais flácidos. Enquanto os officiais formalizavam a rendição, a fôrça que saía troçava connosco :

— Que belo verão que vocês vão passar!

— Essa gente lá de baixo não afira confeitos.

— Coitados! Quantos parapeitos vos restam?

O Pedro Nuñez não deixava de farfalar :

— Idiotas! Bestas!

A tropa que saía pôs-se em marcha pouco depois.

— E o cão? Então vamos deixar aqui o cão?

Mas ninguém fez caso daquelle voz, porque todos iam sumidos na alegria do descanso. Lá abaixo, na praça, esperavam os belos bottequins, os colchões de palha e as mulheres vestidas de côr. Uma rendição em campanha é qualquer coisa assim como a rua após

(EXCLUSIVO DE TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS

PARA A «ILUSTRAÇÃO»)



MALTA

...Mas o Ojeda, um soldado extremenno, reparou com êle a sua ração...



...A hora do rancho, o cão também se poz em fila...

uma grave doença. A corda de soldados, froixa e trémula, desapareceu rapidamente pelo barranco mais próximo.

Efectivamente, o cão ficava connosco. Da porta do barracão viu seguir os seus companheiros de tantos meses, e depois, sem grandes pressas, dirigiu-se a mim fazendo continência com o rabo. Era um cão magro, alongado, antipático. Mas tinha uns olhos humanos e benévolos. Não sei quem foi que disse ao vê-lo:

— Parece um desses caçadores que daqui saíram.

Não nos preocupamos mais com êle. Cada um de nós tratou de arranjar um sítio no barracão. Formava-se daí a pouco um rodapé de mantas e mochilas. A hora do rancho, o cão também se pôs na fila, como um soldado mais. O tenente viu-o e zangou-se:

— Também tu queres? Para a cozinha! Fora! Largo daqui!

Mas o Ojeda, um soldado extremenho, repartiu com êle a sua ração. Naquela mesma noite tocou-me serviço de trincheira e vi como o cão, incansável, percorria o recinto, parando ao pé das seteiras, para consultar o silêncio do campo. De vez em quando, uma estrêla, caída na concavidade da seteira, poisava-lhe no lombo, como um insecto. Os soldados de serviço de reconhecimento contaram-me que no dia seguinte, de madru-

gada, enquanto o cabo os formava, o cão avançou e reconheceu, diligente, vales e encostas. E assim todos os dias. O cão era o voluntário de todos os serviços perigosos.

Uma manhã, quando saíam as provisões de água, pôs-se a ladrar desaforadamente à volta dum monte de cascalho. Ouviu-se um tiro e vimos regressar o cão com uma pata a escorrer sangue. Os mouros tinham-no ferido. Conseguimos apanhar um deles com a espingarda ainda fumegante.

O praticante fez-lhe a primeira cura e o Ojeda levou-o para o seu sítio e converteu-se em seu enfermeiro. O lance entusiasmou os soldados, que desfilavam diante do cão, comentando com orgulho a sua façanha. Alguns acariciavam-no e o cão lambia-lhes a mão. Só teve um ladrido de mau humor para o tenente, que também se aproximou dêle.

Recordo que o Pedro Nuñez comentou então:

— Nunca vi um cão tão inteligente.

Vocês lembram-se, camaradas, do tenente Compañon? Passava o dia na sua cama de campanha fazendo jogos de paciência. De vez em quando, saía cá para fora e dedicava-se a observar, com o binóculo, as *cábilas* visinhas. O seu desporto favorito era dar cabo do gado aos mouros. Via uma vaca ou um burro a menos de mil metros e pedia uma espingarda. Calculava bem o tiro:

— Alça 4. Não, não. Está pelo menos a 500 metros.

Disparava e pegava imediatamente no binóculo. Se dava no alvo, entregava-se a uma alegria feroz. Achava graça à desolação dos *cabileños* perante a rês morta. Algumas vezes, até ouviamos os gritos dos mouros riscando o cristal da tarde. Depois, o tenente Compañon murmurava:

— Já temos verbena para esta noite.

E aquela noite, os mouros atacavam invariavelmente. Mas era preferível, porque assim afugentavam-lhe o mau humor. O tenente tinha uma hemofilia crónica que não o deixava dormir. Quando o recinto aparecia semeado de bolinhas de algodão, toda a companhia começava a tremer, porque os castigos multiplicavam-se:

— Porque não varreram isto, cabo Nuñez? Três comboios de castigo... E ainda olha para mim? Seis combóios! Seis!

Não era de estranhar que os soldados lhe procurassem vítimas como fazem algumas tribus para acalmar a fúria dos deuses. Mas dois meses depois da sua chegada ali não se via um sêr vivente. Era espantoso estender a vista pelo campo morto, cozido pelo sol. Uma desesperada idéa de solidão e abandono esmagava-nos hora a

hora. Algumas vezes a lua vinha-se estender aos pés das sentinelas e entravam desejosos de a violar, pelo que nela havia de tentação e de lembrança. Certa noite o tenente encarou comigo :

-- Você não percebe isto, sargento. Vocês já são outra gente. Eu tenho vivido no quartel toda a minha vida. Dá raiva de que tanto lhes importem seis como meia dúzia. Compreende?

O cão estava ao meu lado. O tenente fez estalar os dedos e alargou a mão para lhe fazer uma carícia. Mas o cão repeliu-o, agressivo, e apertou-se-me às pernas.

-- Mariola! — murmurou o oficial.

E meteu-se no barracão a blasfemar.

No dia seguinte, no recinto, houve uma scena repugnante. O cão brincava com o Ojeda e ambos se perseguíam entre gritos de prazer. Veio o tenente com o chicote na mão, e castigou o cão, de tal forma, que as

chicotadas ficaram marcadas com sangue na pele do animal. O Ojeda, muito pálido, um tanto trémulo sob o sebento uniforme, protestou :

— Isso... isso não é bonito, meu tenente.

Todos nós estávamos aterrados. O que sairia dali? O oficial voltou-se, furioso :

— O que dizes? Ponham-se em sentido! Sentido!

O Ojeda, impávido, aguentou-lhe o olhar. Eu não sei o que foi que o tenente Compañón lhe viu nos olhos, porque se acalmon de repente :

— Muito bem. Há-de envelhecer a fazer guardas. Cabo Nuñez! Este homem de serviço nas trincheiras todas as noites, até nova ordem.

Uma manhã, muito cedo, o Ramon, o impedido do tenente, capturou o cão por ordem dêste. O rapaz era meu conterrâneo e

troux-me imediatamente a confiança.

— Disse-me que lho leve pelas boas ou pelas más. Não sei o que quer fazer com êle.

Dai a pouco safam os dois do barracão com o animal, tendo o cuidado de só serem vistos pelos soldados que estavam de guarda.

a aramagem. Porque o rumor de que o tenente levava o cão de rastos para fora do acampamento saltou num instante de bôca em bôca.

Peço aos meus deuses tutelares que não me ponham em transe de presenciar outra scena igual, porque aquela ainda a trago na memória como um abismo. Os dois homens e o cão andaram um bom pedaço e foram-se esconder no fundo duma quebrada. A manhã resplandecia como se fôsse de prata. Da *cábila* lá de baixo subia um cone de fumo azul, o fumo das tortas de azeite das mouras. Eu vi o oficial desatar o cinto e atá-lo às patas do terno prisioneiro. Depois, vi-lhe brilhar nas mãos a pistola de regulamento e reparei como o impedido tapava os olhos com terror. Não quis ver mais. E, quasi doido, sem cuidar sequer de que não me vissem, regressi, correndo, ao destacamento, santando-me o sangue nas veias como a água das crescidas.

Meia hora depois, o oficial e o soldado regressaram sós. O Ramon, com os olhos congestionados, dirigiu-se-me a tremer :

— Sargento Arnedo... Eu francamente...

— Sai-me da vista! Pantomineiro! Cobarde!

— Mas que queria que fizesse, meu sargento... Não podia desobedecer. Bem me basta a vergonha que passei. Deu um grito, só um grito.

Retirei-me para não lhe bater. Mas com o Ojeda foi pior. Desde o desaparecimento do cão, andava sempre com os olhos no chão e não falava a ninguém. Saqueava pelos arredores da posição exposto ao «paqueo». Um dia appareceu no recinto, entre uma nuvem de môscas, com o cadáver do cão, já decomposto, nos braços. O Pedro Nuñez, que estava de guarda, teve que lhe arrancar vio-

lentemente a querida pelanga e arrojá-la ao barranco aquelle montão de carne infecta.

.....

...Vi-lhe brilhar na mão a pistola do regulamento...



O cão resistia àquele estranho passeio e o Ramon quasi que tinha que o levar dependurado do pescoço. O oficial ia adiante, assoviando, com o binóculo na mão, como quem vai dar um passeio pelo monte abaixo ao sol da manhã. Eu segui-os, sem ser visto, recomendando antes ao cabo que proibisse os soldados de saltarem

FIGURAS DO MOMENTO



O PRINCEPE DAS ASTURIAS

O mais recente retrato de S. A. R. o herdeiro do trono de Espanha, sobre cujo delicado estado de saúde correram boatos alarmantes, depois desmentidos oficialmente. *Ilustração* presta homenagem ao augusto príncipe e faz votos pelo seu completo restabelecimento.

(Foto Franzen)

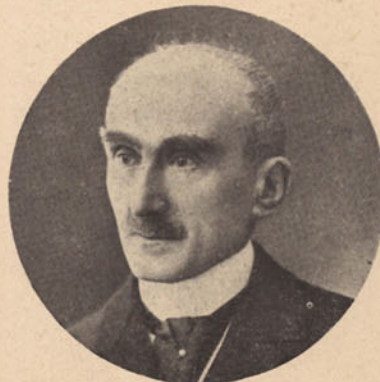


DR. JÚLIO DANTAS

O elegantíssimo escritor e nosso prezado colaborador, sem contestação um dos mais altos valores literários da nossa época, cronista scintilante, detentor das mais altas qualidades de finura de espírito, encanto e deliciosa originalidade, acaba de dotar a literatura contemporânea com um novo livro, «Diálogos», saúdo pela crítica duma forma apoteótica e que fica como uma das obras mais perfectas do primoroso cinzelador da língua portuguesa que, com ela se afirma no apogeu das suas virtudes literárias.

HENRIQUE DE BRITO

DIRECTOR e organizador técnico do maravilhoso certame artístico, comercial e industrial, promovido pela *Voga* no Palácio de Belas Artes, e com o título de I Salão de Outono da Elegância Feminina e Artes Decorativas, e que alcançou o sucesso mais retumbante, encerrando-se com



H. BERGSON

O eminente filósofo e professor que acaba de receber o prémio Nobel de literatura.

(Foto H. Manuel).



DR. BRITO CAMACHO

VIGOROSO jornalista, notável escritor, homem público do mais alto destaque em Portugal, que acaba de publicar um novo volume de contos «Gente várias», destinado ao mais justo e alto sucesso pelas suas brilhantíssimas qualidades literárias e pelo fino recorte sardónico do seu humorismo.



DR. PARABELA DE OLIVEIRA

GLORIOSO cantador de fados e canções de Coimbra, que foi um dos mais brilhantes cooperadores dos festivais do Salão da *Voga*.

(Foto M. Novais)



MÁRIO DE NOVAIS

ARTISTA da fotografia, chefe dos serviços fotográficos da *Ilustração*, que acaba de conquistar um merecido triunfo com a sua exposição do Salão da *Voga*, classificando-se como o mais artista de todos os fotógrafos de senhoras e crianças.



uma ceia de homenagem oferecida pelo comércio, artistas e jornalistas ao inextinguível zelo do orientador magnífico que foi Henrique de Brito.

(Foto M. Novais)

«...Por aquela época — há trinta anos aproximadamente — fizemos viagens juntos, colaboramos nos mesmos jornais, atacamos as mesmas ideias e os mesmos homens.

Depois «Azorin» fez-se partidário entusiasta de Maura, o que me pareceu absurdo, porque Maura, para mim, foi sempre um comediante de grande gestos e poucas ideias; depois fez-se partidário de La Cierva, o que me parece tão mal como ser-se maurista; e não sei se se tencionará fazer alguma outra evolução.

Quer a faça ou não, para mim «Azorin» sempre será um mestre da linguagem e um excelente amigo, que tem a fraqueza de considerar grandes homens todos aqueles que falam alto e mostram, com pompa, os punhos da camisa na tribuna.»

Pío Baroja sempre foi claro a julgar os homens. A sua rude sinceridade nunca soube de meias palavras nem de intenções duvidosas. Justas ou injustas, as opiniões do grande humorista têm um elevado interesse de observação que vai muito além de qualquer intuito de ataque à memória de mortos ou à dignidade dos vivos. «Azorin» foi sempre um escritor, nunca um político profissional, e, como escritor, um mestre da linguagem, na frase precisa do autor da «*Caverna do Humorismo*», que todos nós devemos ler por dever de ofício. É, como homem, um excelente amigo. Está feito, portanto, com sábia mão, o retrato do fino cinzelador de «*Los Pueblos*», modelo de livros onde as excelências do estilo se adaptam perfeitamente à índole do assunto.

— Portugal — começa por dizer o conhecido homem de letras — está mais longe da Espanha do que a própria China.

— O que já hoje não sucede no meu país. Desaparecem antigos preconceitos e já se vai notando interesse pelas coisas espanholas.

— O mesmo fenómeno se dá entre a França e a Espanha. Nós aqui não ignoramos nada do que lá sucede e eles sabem tanto de nós como nós sabemos de Portugal.

— Em todo o caso, devemos reconhecer em determinados meios alguma curiosidade pelo nosso movimento intelectual. Na peor das hipóteses, empenho de serem julgados pela opinião portuguesa.

— É natural. Eu, por exemplo, sou um entusiasta das letras portuguesas. Não desconheço os vossos melhores clássicos e posso dizer que me são familiares todos os homens representativos do vosso século passado. Mas, mesmo assim, nada lhe poderia dizer das letras portuguesas actuais. E não por culpa minha. Nas livrarias madrilenas não se encontra um só livro português. Tenho tentado mandar vir alguns, o que não me tem sido possível por falta de relações — alegam os livreiros — com os seus colegas lusitanos.

A Z O R I N

FALA À «ILUSTRAÇÃO»

MEIA HORA COM O GRANDE ESCRITOR

JULGADO POR PÍO BAROJA — PORTUGAL ESTÁ MAIS LONGE DA ESPANHA DO QUE A PRÓPRIA CHINA — COM VISTA A EXPOSIÇÃO DO LIVRO PORTUGUÊS — TEATRO ESPANHOL: ANTIGAS FÓRMULAS E NOVAS IDEIAS — GERAÇÃO DE 98 — ORTEGA Y GASSETT E PEREZ DE AYALA — «LA GACETA LITERARIA» — MIGUEL DE UNAMUNO E O PRÉMIO NOBEL — PIRANDELLO, BERNARD SHAW E LENORMAND — JUNQUEIRO E EÇA — TEATRO E CINE



As considerações do ilustre escritor espanhol são de viva actualidade neste momento em que se realiza em Madrid uma Exposição do Livro Português para iniciar, precisamente, o intercâmbio editorial, cuja falta se notava. São estes insignificantes pormenores que a comissão deve ter em vista, de muito maior importância, a nosso ver, do que algumas atitudes emproadas, que não têm, felizmente, a menor relação com o nosso expoente cultural. Lembremo-nos que Madrid é hoje um centro literário e artístico a ponderar com todos os cinco sentidos e tentar ofusca-lo com fogos de arraial é dar de nós uma triste ideia e bem triste pelo que ela tem de injusta. Portugal conta hoje com valores dignos de serem exibidos em qualquer parte e muito capazes de representarem, na altura que nos corresponde, todas as nossas actividades intellectuais e artisticas. Deixá-los em casa, ou consentir que eles lá fiquem, é, pelo menos, um acto de mau patriotismo. O que é mister, acima de tudo, é que cada um de nós tenha a noção exacta do lugar que lhe compete, e estará salva a pátria...

— Conheço toda a obra de Junqueiro — continua o nosso amável interlocutor — e conheço-o pessoalmente. Vinha a Madrid com alguma frequência. Hospedava-se sempre no Hotel de la Paz, na Puerta del Sol, no mesmo sítio onde hoje está instalado o «Centro de Hijos de Madrid», cujo dono tinha afeições literárias e era amigo de todos os escritores que então marcavam na *villa y corte*. Quando o grande poeta chegava a sua casa, recebíamos imediatamente aviso do nosso amigo e todo o mundo lá caía a ouvir a palavra scintilante e as engenhosas teorias do mestre. A presença de Junqueiro em Madrid constituía, para nós, um verdadeiro acontecimento.

«Outro dos escritores portugueses que influiu muito na minha vida literária foi Eça de Queiroz. «*Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia*», o lema de «*A Relíquia*», chegou a ser; aqui há vinte e tantos anos, o meu lema literário. Aquelle livro e «*O Crime do Padre Amaro*» exerceram em mim tão profunda impressão como as obras de Flaubert.

Fala um dos mais notáveis escritores da Espanha de hoje. Como se vê, não é demais insistir na recomendação da escolha de quem se manda cá fora. O prestígio das nossas letras, o que equivale a dizer da nossa pátria, não pode ser levemente confiado à primeira esperança que appareça. É uma questão de pudor a ser debatida com muito senso e muita alma.

A personalidade literária de «Azorin», como homem de teatro, tem sido muito discutida. Alvo dos maiores ataques e dos mais ardentes entusiasmos, nada há que o faça arredar da sua acção inovadora. Aludido o

assunto, obtivemos d'elles as seguintes manifestações:

— Há trinta anos que se segue em Espanha uma única fórmula teatral — padrão Benavente e dos Irmãos Quintero — fórmula já gasta e em desarmonia com espírito da época em que vivemos. O cinema está a conquistar uma grande parte do terreno que ao teatro pertence, e há de conquistar cada vez mais, porque dispõe de meios de expressão que aquele não quer ter...

— Não quer ter?

— Assim é, efectivamente: não quer ter. Representam uma audácia que os empresários não aceitam.

— E o público?

— O público... Olhe, o meu «*Brandy mucho Brandy*», onde há intentos audazes de novos valores dramáticos, foi repellido em Madrid porque não podia deixar de ser. Na provincia e na América teve a melhor aceitação. É justo lançar sobre o público a culpa destas incoerências? Sabe do triunfo que «*Les Râtes*» obteve em Madrid?

— Sim, sei.

— Pois outro galo cantaria se a obra de Lenormand fôsse estreada com o meu nome.

— ...?

— Mistérios... De resto, a minha situação dentro do teatro não pretende ter carácter definitivo. Só quero incitar os novos a varrer fórmulas caducas, empurrando-os para o teatro que se deve fazer hoje. Com este fim, formei em Madrid uma companhia de amadores sob o título de «*Caracols*», livre de empresários e sem o menor objectivo commercial, que ainda mesmo este mês se apresentará em público. Seria lamentável que se perdessem as inegáveis virtudes artisticas que se encontram na actual juventude espanhola.

— Refere-se ao grupo de «*La Gaceta Literaria*»?

— Não; confio mais nos elementos dispersos, sem devoção pelo rito de capelas e rebeldes a normas preconcebidas. Não posso compreender uma juventude sem espírito de rebeldia, sem aquelle espírito de rebeldia que destacou...

— A geração de 98?

— Exactamente. É certo que já deu tudo que tinha a dar, mas deu muito de si. A geração seguinte, que podemos personificar nos dois grandes nomes de Ortega y Gasset e Perez de Ayala foi encontrar nela os seus mais sólidos alicerces. Agora...

— Temos que ir buscar a juventude na alma dos velhos.

— É uma triste verdade, infelizmente. Veja a eterna juventude de Unamuno! Através de toda a sua vida foi sempre um glorioso inadaptado. Muito superior a Pirandello, D'Annunzio e Bernard Shaw, temos nele um dos maiores valores da Europa contempo-

rânea. É uma flagrante injustiça que ainda não se lhe tivesse dado o prémio Nobel!

— V. Ex.^a sabe que a significação do prémio Nobel...

— Está absolutamente dentro do espírito da obra do autor de «*El Sentimiento Tragico de la Vida*», que é incontestavelmente o primeiro escritor espanhol de hoje. O prémio Nobel foi instituido para uma grande obra idealista e há quarenta anos que o meu insigne amigo anda a construir idealismo, com o mais profundo sabor humano. Isto devia-lhe ser reconhecido.

— Outros nomes espanhóis?

— A Espanha atravessa actualmente um bello momento literário. Há meia dúzia de nomes que encaram, com gallardia, todas as responsabilidades da nossa brilhante tradição. Pena é que...

— Reccia crise?

— Factos que não são estranhos à nossa vida mental, a falta de liberdade de pensamento, o principal d'elles — e creia que, com isto, só quero registar o facto em si, e não referir-me a determinado governo — há de forçosamente provocar uma crise. Mas temos hoje grande valores. Para não voltar a falar dos que já falei, deixe-me que aluda a Enrique de Mesa, um finissimo poeta com a essência da paisagem castelhana em pleno vigor emotivo. Ninguém a sentiu como elle. Antonio Machado e Juan Ramon Gimenez também são consideráveis poetas.

— Dos novos?

— Para mim, o melhor Jorge Guillen. Garcia Lorca está numa attitude perigosa para elle. Os franceses tem um adágio que diz: «*tem medo de não parecer suficientemente lançado...*» e isto é o que se dá com o poeta granadino.

Seria interessante saber de «Azorin», homem de teatro, a sua opinião sobre os grandes dramaturgos europeus. E assestamos:

— Qual o seu parecer sobre Pirandello?

— É, sem dúvida, o primeiro comediógrafo europeu.

— Bernard Shaw?

— Julgo que não trouxe para o teatro nada de novo.

— Lenormand?

— É um romântico filtrado pelo naturalismo. Neto legítimo de Victor Hugo, com mais cor e a pincelada mais breve.

Graças à invulgar agilidade mental do insigne homem de letras, tínhamos percorrido todos os problemas do momento literário. Insistir mais, seria cair em repetições enfadonhas. Despedimo-nos com a certeza de fazer desfilar pelas páginas da *Ilustração* alguém que há de merecer, dos seus leitores, a mais alta admiração e viva simpatia.

Madrid, Novembro — 1928.

NOVAIS TEIXEIRA.

LIVROS E ESCRITORES

Já os cimos dos montes, lá para o norte, se encarpavam de neve, sinal certo de que o Natal se meteu ao caminho. E para que éle, ao chegar entre nós, não apresente os seus alforques repletos de toda a variedade de mimos menos de livros para a gente miuda, género esse de prendas que, com notória vantagem, tende cada vez mais a substituir os triviaes brinquedos, na sua maioria ermos de significado educativo e até por vezes nocivos à saúde dos pequenitos, andam neste momento os escritores devotados a essa especial literatura bem afanosos em prover dela o bondoso velho, cujo maior encanto é ver florir nos olhos das crianças a clara flor da alegria.

Um a um, vão esses livros tomando seu lugar na preciosa carga do avô Natal, e lá entrou agora, por exemplo, outro assinado pela sr.^a D. Emília de Sousa Costa, que em época festiva nenhuma se esquece dos seus leitores juvenis. Esse volume novo da ilustre escritora chama-se *Aventuras da Carochinha Japonesa* e, quer pela graça do seu texto, quer pela das suas ilustrações, que saíram da lapis hábil de Vasco Lopes de Mendonça, merece ficar entre o melhor que a nossa literatura infantil têm produzido até hoje. Pondo a fábula num ambiente oriental, a autora deu-se a tecer com mão ligeira seis episódios, nos quais o imprevisito dos factos se alia ao colorido da linguagem. Qual a mente nova que, ao ouvir ler tão linda história, deixará de sentir-se embalada pelos mais belos sonhos, se nós próprios, que já nos distanciamos bastante de essa idade de ouro, ainda ao lê-la experimentamos um profundo encanto? O Natal não tarda, pequenitos portugueses: pois quando éle chegar às vossas casas, antes de mais nada procurem nos seus maravilhosos alforques esta formosa obra que para vós escrevem uma das vossas maiores amigas, a escritora sr.^a D. Emília de Sousa Costa.

Prosa brilhante e espontânea, espirrando vida por todos os poros, não vemos hoje ninguém que a escreva melhor do que o sr. dr. Brito Camacho, que acaba de tirar do prelo um novo volume, *Gente Vária*. Como nos anteriores da sua já longa bibliografia, a observação é o principal tempêro destas páginas, em que o autor extrai da sua memória fiel uma curiosa galeria de figuras com quem priven em períodos já longínquos da existência: eis, a abrir, o volume, o dr. Feijão, lente de medicina; depois, o boémio Mil-Homens; em seguida, o François corredor do mundo, de tão libidinoso biografia que a do célebre veneziano Casanova de Seingalt pouco a excederá em romanesco; depois ainda, o Janota, um tipo da pacata fivora de há quarenta anos; por último, o Primo Camacho, bondoso vulto de velho. E em volta destas figuras com tanto de característico, outras veem, outras nos contam anedotas, outras formam alegres scenas, outras compõem quadros sugestivos, reveladores ora de costumes escolares ora de costumes provincianos, quadros e scenas que, devido ao forte poder de reconstrução de que dispõe a pena que se dá a reerguê-los do passado, agora nos surgem como se do presente fossem e nossos olhos os tivessem aqui em frente, na sua primitiva e inteira realidade.

Que a poesia retome o seu lugar na literatura

nacional, um lugar cimeiro, eis o que somos levados a exigir após a leitura, feita com crescente encanto, do último livro de António Ferreira Monteiro, *Vergel Sombrio*. Nada nos seus versos que parecenas tenha com essas cloróticas rimas que por aí surgem todos os dias que Deus deita ao mundo. A poesia do autor do *Mar das Tormentas* dista delas tanto como o que é verdadeiro dista do que é falso. Votar, pois, este livro ao mesmo desdém com que nos últimos tempos tem sido acolhida a quasi totalidade da nossa produção poética, seria mais do que um erro: seria uma grave injustiça. *Vergel Sombrio* contém a riqueza lírica e, simultaneamente, a força de pensamento que caracterizam as obras dos grandes poetas. Nas emoções individuais do autor reflecte-se o que é universal, pelo que o poeta, a certo passo da obra, diz com seus laivos de bem compreensível orgulho:

*No meu canto e meu lamento
Nem só a mim encontras,
Mas vós também, mas o Homem!*

Livro uno de valor, se bem que variado nos seus motivos, pois há aqui produções com a tinta leve de aguarela alternando com aquelas em que o espirito do poeta se tortura na busca do misterioso sentido da vida, no *Vergel Sombrio* há, sobretudo, duas produções que colocam definitivamente o seu autor na fila dos nossos maiores poetas modernos: a de abertura, *Sob a árvore da vida*, e o *Sol de outono*, que é dos mais belos sonetos que têm sido escritos na nossa língua.

O fascículo IV da *História de Literatura Portuguesa Ilustrada* é por inteiro ocupado, na parte escrita, pelo saber, que é vasto e seguro, do sr. dr. José Joaquim Nunes. Pondo fêcho ao valioso estudo sobre a poesia trovadoresca (séculos XIII a XV), que já vinha do anterior fascículo da monumental obra, em seguida encaetou o ilustre acadêmico, com igual competência e rigorosa documentação, a história da prosa medieval, desde o seu aparecimento até os cronistas. Sob o ponto de vista iconográfico, este fascículo está à altura dos precedentes: além de muitas e variadas gravuras, algumas reproduções de espécies bibliográficas de difícil consulta e preciosas pela sua raridade, espathadas pelo texto, fora dele e a cores encontramos aqui reproduzida uma página do «Cancioneiro Português» da Biblioteca Vaticana.

D. Frei Fortunado de S. Boaventura Mestre da *Contra-Revolução* é um opúsculo publicado pelo sr. Fernando Campos e no qual, sob a forma de conferência, já há meses realizada em Coimbra, o autor nos evoca uma interessante figura de purista da língua e panfletário adverso ao constitucionalismo. Esse frade-escritor, vemo-lo por meio deste trabalho, feito com probidade e convicção, foi no seu tempo um corifeu do movimento de idéas políticas opostas à ideologia democrática, pelo que, nota sensatamente o autor, as doutrinas integralistas por que combate hoje certo núcleo da gente portuguesa não receberam, contra o que muitos julgam, a influência das similares correntes francesas: elas já no primeiro quartel do século XIX coriscavam, dado o seu ardor combativo, da pena dum religioso português.

Livros impressos em terras amigas de Espanha, temos hoje dois a mencionar: *Martires y Azabaches Españoles*, da autoria do sr. dr. José Ferrandis, e *La dicha de los de los demas*, firmado por D. Raquel de La Calle Pizones. É o primeiro um abundante volume integrado na valiosa coleção *Labor*. Em todas as suas páginas está patente um conhecimento muito largo do assunto, com minúcia sendo ali dada a história da escultura espanhola em marfim e em azeviche, quer nos seus usos profanos quer nos religiosos. Estudo de boa erudição e também de fina argúcia, no que inclui de crítica de arte, a sua leitura, pela linguagem clara

em que foi traçado, faz-se com proveito e prazer. A obra contém ainda, como parte final, uma coleção de gravuras reproduzindo preciosos modelos das esculturas referidas no texto e, na sua maioria, conservadas em museus.

Em *La Dicha de los demas* encontramos o talento ágil e ameno dum novelista moço, que com este livro, bem urdido e bem escrito, fez sua estreia. Sob o céu luminoso da Andaluzia decorre a intriga, a qual gira em volta dum par de amadores rústicos. Não vamos aqui desfiar o tema, porque fazê-lo tiraria ao futuro leitor do livro todo o praser do imprevisito. Simplesmente queremos agora garantir que vale a pena ler tal novela, demais a mais porque o seu desfecho é cheio de claridade. Dispõe-nos bem. Faz-nos ver o mundo e a espécie humana com optimismo.

Também de duas estreias portuguesas em prosa nos compete hoje falar: *O Barão de*

Falaunços, pelo sr. Artur Ribeiro, e *Geira de Cardos*, do sr. Armando Tavares. Numa e noutra se revelam qualidades positivas. O segundo livro compõe-se de diversas novelas, mas todas decorridas no meio aldeão, na aldeia que já Aquilino Ribeiro, segundo lembra o autor, em epigrafe da presente obra, disse ser «bullenta, valerosa, suja, sensual, avara, honrada». E as novelas do sr. Arman-



Fernando Campos

do Tavares assim nos moldam as figuras campesinas, sem as embonecarem, antes buscando que elas venham a nós tão flagrantes como sobre as leiras e geiras elas vivem. *O Barão de Falaunços*, que trás como sub-título *scenas facadas na vida portuense*, condensou quasi a sua acção numa só figura, mal a deixando afastar-se um único instante que seja da nossa objectiva. Desenhada ela com muito sabor humorístico e às vezes também com seus tons de sarcasmo, talvez o autor, para se conservar na exacta posição que compete ao novelista, andasse melhor em a não encher tanto de grotesco e de baixa moral. Nem só de lódo é feito o homem, já o disse Pascal.

CÉSAR DE FRIAS.

No CONCURSO LITERÁRIO promovido pela *Ilustração* entre os romancistas e novelistas portugueses, acaba de inscrever-se o novo livro do sr. Ferreira de Castro, «*Emigrantes*».

As condições do certame, salvo a que respeita ao prazo para a entrega dos trabalhos, o qual foi recentemente prorrogado até 30 de Abril de 1929, são as que vieram formuladas no n.º 57 da nossa revista.



A CASA PORTUGUESA



CASA DA QUINTÃ SOALHÃES

É A CASA MAIS NOTÁVEL DE TODO O CONCELHO DE MARCO DE CANAVEZES. VASTO PALÁCIO,



COM CLAUSTRO INTERIOR, SITUADO AO FUNDO DE ENORME TERREIRO. UMA TÔRRE CARACTERÍSTICA, MARCADA DE SEUS QUATRO OBLISCOS, E A CAPELA — LIGADA AO EDIFÍCIO POR GRACIOSO ARCO — COMPLETAM O IMPOSANTE CONJUNTO; MAS O TRECHO MAIS INTERESSANTE DESTA CONSTRUÇÃO É A Suntuosa escada que dá acesso ao andar nobre e que é guarnecida de BALAUSTRÉS E ORNATOS ESCULPIDOS NO GRANITO DA REGIÃO.

É SOLAR DA FAMÍLIA VASCONCELOS, REPRESENTADA HOJE PELO ACTUAL PROPRIETÁRIO SR. PEDRO DE VASCONCELOS CARNEIRO DE MAGALHÃES E



MENEZES SOARES VIEIRA DA MOTA, CASADO COM UMA ILUSTRE SENHORA, DESCENDENTE DAS CASAS CIRNE E SOUTO DE EL-REI, CUJO ARISTOCRÁTICO BOM-GÓSTO SE MANIFESTA EM TODO O ARRANJO INTERIOR DESTA NOBRE MORADIA.

D. CARLOTA JOAQUINA E A DUQUEZA DE ABRANTES



Laura de Saint-Permon Junot, duquesa de Abrantes (Desenho de Ballo)

A essas duas obras faremos a antepósia que merecem: Por agora, limitemo-nos à análise dos *Souvenirs de Laura Junot*, Duquesa de Abrantes. Ou antes: analisemos a própria personalidade moral: digam essa obra e vejamos se algumas qualidades nela concorrem para habilitar quem quer que seja a ligar idoneidade ao seu testemunho...

UM PARALELO NECESSÁRIO — A CALÚNIA COMO ARMA POLÍTICA

Antes de mais nada, seja-nos permitida esta afirmação: sempre que lmos qualquer das pseudo-fontes históricas acima referidas, ocor-



Archoche Junot, general (1773-1813) —Quadro do Barão Gérard

multidão de panfletos libertinos atirados contra a desgraçada Maria Antonieta e qual a eficiência que lhes tiveram na alma burguesa do popular... Repetia-se agora, como sempre, a hipócrita! E a pobre e caluniada princesa foi arrastada na inundação das afirmações gratuitas, vomitadas por um aventureiro que, à hora da morte, lhe escrevia pedindo-lhe perdão e confessando ter mentido, mentido sempre, em todo quanto contra ela escrevera no seu romance tristemente célebre!... Mas a obra em questão produzira, como se esperava, os resultados desejados: não afirmara Voltaire ser esplêndida a calúnia porque da mentira sempre alguma coisa fica? E, entre nós foi sempre arma política de primeira ordem o assultar, o envolver a vida particular dos que nos são adversos!...

Assim, pois, todas as afirmações produzidas contra a esposa de D. João VI não passavam de meras armas políticas. Reeditava-se um expediente que dera ótimos resultados na campanha contra a pobre Maria Antonieta e os daria também contra outra soberana muitos anos depois, já em nossos dias!...

A NENHUMA IMPORTANCIA DO TESTEMUNHO DE LAURA JUNOT ACERCA DE DONA CARLOTA JOAQUINA

Voltando porém à Laura Permon, ou Laura Junot, duquesa de Abrantes, vejamos quais as garantias de inteireza moral, de capacidade crítica, de carácter forte e íntegro que a célebre escritora nos poderá fornecer. Tais garantias são-lhe hoje negadas em absoluto, em postas em absoluto com baseadas razões. Nam livro publicado êste ano sob o título: *Batare mis à sa*



O general Joaquim Murat, um dos amantes de Laura Junot (1773-1813). (Quadro do Barão Gérard)

re-nos o tristíssimo, o aviltante exemplo dum romance miseravelmente célebre: *O Marquez da Bacalhã*. Certo literato de infima extracção, individuo cuja baixíssima estofa moral negava em absoluto o nome illustre que usava, lançou um dia para a publicidade o livro em questão e nêle se fez êvo de quantas inâmias e paixão política, o desejo do lucro e o da celebridade, poderiam forjar contra uma bondosa e santa criatura cujo maior crime era o de ter enaguado muita legítima e contribuído, abegada e eticamente, para minorar uma das maiores misérias físicas de Portugal: a tuberculose... Esse amovível perfil de princesa, simbolizava porém idéas e princípios adversos aos que, por então, enformavam os cérebros políticos. E assistim-se, nêsses dias agitados, a um espectáculo que, não sendo novo, nem por isso era menos monstruoso: a calúnia arrojada em arma política por banda de quantos apostavam em perigo os seus interesses incalculáveis, defendiam um ideal novo em que tinham a singular um repêlido por demais merecido... O expediente dêtra sempre ótimos resultados: está, por certo, na memória de quantos estudam questões históricas o que foi a

Com boa razão poderemos reduzir a três o número das fontes, pseudo-históricas, que historiadores de partido e obra feita utilizaram na mira de elementos para denegrir a memória da caluniada e varonil Dona Carlota Joaquina, assacando-lhe protérias e baixasas postas depois a correr mundo. São essas pretendidas fontes históricas — além da tradição oral, sua derivada imediata —: os *Souvenirs d'une ambassade, et d'un séjour en Espagne et en Portugal* da Duquesa de Abrantes, obra de invejável relevô literário; as *Memórias secretas da Princesa del Brazil, actual Rainha viúva de Portugal, a Senhora Doña Carlota Joaquina*, devidas a um asqueroso aventureiro, Don José Pressas, que com elas procurou extorquir basta soma de dinheiro à esposa de D. João VI; e o livro, miserável e dividido sob todos os pontos de vista, intitulado: *Dom Miguel, ses aventures scandaleuses, ses crimes et son usurpation*, livro êsso atribuído na edição franceza que tenho presente a d'um português de distincção — para o caso sujeito o emigrado liberal Barreto Pele — e o qual começa logo a mentir na atribuição da autoria pois se deveu a sua factura a um tedesco, o Barão Von Eschwege, residente durante alguns anos em Portugal; foi escrito em alemão e acrescentado na tradução franceza com informações ministradas pelo tal português de distincção.

Mandariam as boas regras da critica histórica pôr de parte imediatamente semelhantes fontes visto como, os seus autores, quer pelas suas idéas, quer pela sua conduta e ainda pelos fins que tinham em vista, nenhuma crédito poderiam merecer a um historiador consciencioso. Não saóveden porém assim, infelizmente, e todos são vistos como obras de valor recorrem a êsses testemunhos precários e singulares, reeditando misérias e mentiras, muitas delas duma ingenuidade que fatalmente provocará um sorriso de lástima. Uma dessas pseudo fontes históricas é, como acima dizemos, obra de pura chantagem; a outra é de tal valor que o próprio Alberto Pimentel, sempre interessado em denegrir D. Carlota Joaquina e D. Miguel, produz sobre êle a seguinte afirmação: "... *sa-pesar das promessas do Illustre é escasso de noticias que possam elucidar-nos sobre os escândalozos amourosos de D. Miguel.*

porê sur elle ce jugement concté que la possibilité peut hardiment rattifier:

— Une langue! Ah! mais une langue!...

E c'est lui encore qui l'appellai 'sa petite peste'.

Mas se no dizer dos seus contemporâneos e dos investigadores do nosso tempo, a Duquesa de Abrantes era uma língua danada e mentia por indôle, aquilo que se conhece da sua vida íntima é por tal forma escandaloso, verificam-se na própria escrita, por maneira tão revoltante, os vícios e misérias por ela atribuídas às pessoas que tiveram a desgraça de lhe desagradar que, forçado se verá todo o historiador consciencioso a pôr de estreita contenção tudo quanto ella afirma! Sem aduzir jamais uma prova, sem jamais citar uma fonte



Delfina Gay, mãe do Marquês de Giraldo, grande inimiga da Duquesa de Abrantes e sua rival nos amouros com o Marquês de Castilhos. (Lithografia de época)

e descontada mesmo qualquer beneficência dada pelo artista, não nos autorizando a quebrar lanças pelo formoso de D. Carlota Joaquina, também não fornece elementos para acreditar o que se propalou contra o seu físico. A acreditarmos porém a maledicência autora dos *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal*, a esposa de D. João VI seria um autêntico monstro, qualquer coisa de semelhante à horrôsa Margarida de Carintia e do Tirol, de horrôsa catadura. Mentia pois a infidelíssima esposa do general Junot ao apresentar-nos o retrato de D. Carlota Joaquina. E mentia, como de costume, por prazer, por desejo de vingança, por ânsia de escândalo, por simples efeito literário.

Pondo, porém, de lado a suposta fealdade de D. Carlota Joaquina, — que nos não interessa aliás, por niso o único interessado ser... D. João VI, — entra em jogo o retrato moral que da pobre rainha fornece a tagarelice impudica de Laura Junot. Aqui, porém, não aduzindo a escritora provas nenhuma de quanto associa à biografia, somos reduzidos à extremidade de recusar o seu testemunho, tanto mais que as escorregadelas e outras misérias atribuídas a D. Carlota Joaquina por Laura Junot, se verificam consideravelmente aumentadas na própria escritora. A corte de Napoleão era, — sabe-o toda a gente — um vespeiro de mulheres desgraçadas e de maridos infelizes, não escapando o próprio herô de Austrália e de Wagram, a quem a imperatriz Josefina se fartou de pôr o sal na moedeira, para não dizer coisa pior. E Laura Junot, tão indiscreta e severa para com as improvas faltas de D. Carlota Joaquina, totalmente se esquecia de si ao escrever os seus livros, certo como é nunca ninguém vêr o arguimento nos próprios olhos ainda que êle tenha as propriedades dessa tranca...

Façamos um pouco o retrato, físico e moral da Senhora Duquesa de Abrantes...

O RETRATO FÍSICO DA DUQUESA DE ABRANTES E A SUA IMBENSA VAIDADE. — O JUZO DE NAPOLÉAO.

Laura de Saint Martin Permon nasceu a 6 de Novembro de 1784, em Montpellier, e casou



C. C. M. Durso, duque de Friolo (1774-1812), outro amante de Laura Junot

séria de informações, Laura Junot acumula torpezas sobre torpezas ao referir-se a Dona Carlota Joaquina. Valioso, cabeça de vento e capaz do mais desastuado rancor, Laura Junot, por uma questão de ciúmes, dá guarda no seu livro a quantos boatos os interesses políticos punham a correr publicidade: o retrato físico e moral da esposa de D. João VI têm sido desde então feito, não sobre testemunhos imparciais e verificados, mas sim pelo que da triste caluniada escreveu a linguinha de prata que era sua Duquesa de Abrantes.

O QUE ERA FÍSICAMENTE DONA CARLOTA JOAQUINA E O QUE A TAL RISPITO MENTIU LAURA JUNOT

Afirmam vários escritores insuspeitos e, entre êles o insuspeitíssimo Príncipe Romaldo Giedroyc que a Rainha Dona Carlota Joaquina, se não herdara da mãe a sua grande beleza, em todo o caso não era destituída de graça e de encantos. O exame atento da numerosa iconografia que nos resta da esposa de D. João VI,



Marquês Luis, marquês de Balincourt, amante em titre da Duquesa de Abrantes.

a 30 de Outubro de 1800 com o general Andoche Junot, tinha ela dezesseis anos e êle vinte e nove. Robert Chantemesse em *Le roman inconnu de la Duchesse d'Abrantes* diz-nos ser Laura toute petite, pâle, l'oeil brillant un peu lité à l'Asiatique, des dents d'alabâtre lui éclatèrent toute la figure d'un trait blanc; ses cheveux bleus écrasent sa petite tête; un long



Clemente Wenzel Lothar, príncipe de Metternich, um dos amantes de Laura Junot

nez, un peu l'air d'une belle; mais son secret, sa grâce, sa perfection; c'est son cou.

Admitindo como excelente o retrato acima, situemo-lo, porém, nos primeiros anos do casamento porque, a duquesa que o desenho de Bailly nos apresenta, isto é, numa idade que está longe da velhice, mostra-nos uma Laura Junot que absolutamente nada fica devendo á beleza, com uma testa a que o nosso povo chama testa de bater sócos, uma boca enorme e um nariz formidável. Os olhos sim, êsses revelam toda a escritora, vivos, maliciosos, desdenhosos, cheios de olimpica superioridade por tudo quanto vêem... R, na verdade, Laura Junot em toda a sua existência não fez mais do que desprezar os outros e formar boa opinião de si própria. Vaidosa duma beleza que não possuía, é ela própria quem nos conta nas suas Memórias gostar imenso Napoleão de a visitar matinalmente e de lhe beliscar os pés sob a roupa da cama, afirmação mentirosa do princípio ao fim, porque o grande Corso não a podia ver nem pintada: o desconhecido autor do *Balzac mis à nu* expressa-se a tal respeito como segue: *Il était de notoriété absolue à la cour impériale, que Napoléon n'aimait pas, en général, les femmes sèches et noires comme Laure Permon (sic) en sa jeunesse, et, qu'en particulier, il la tenait à distance et en aversion, à cause de son caractère, de son indiscrétion, de son désordre, de ses intrigues scandaleuses, de ses cabales, et de la discorde qu'elle fomentait entre les princesses de la maison Bonaparte et la famille Beauharnais.*

Laura Junot, mulher dum homem e amante de nove... — as suas pretensões a respeito dum fidalgo asqueroso.

E foi essa vaidade de mulher bonita — que não era — juntamente com o mais absoluto

despêso por deveres conjugais que exigia nos outros, foi tudo isso que lhe grangeou uma suprida lista de amantes e por vezes, gordo escândalo na vida da corte. Porque a duquesa de Abrantes que dizia sem provas nenhuma a respeito de Dona Carlota Joaquina: *Elle n'avait même pas d'amant en titre, parce que, disait elle, elle ne voulait pas être battue comme sa mère par ce Godot, et qu'elle voulait sa liberté* — Laura de Saint Martin Permon farton-se de ter amantes na constância do seu matrimónio com Junot e quando viuva. Um dêles foi-o mesmo *en titre*: refiro-me ao marquês Maurício de Balincourt... A terrível censora de D. Carlota Joaquina atribuem-se-lhe os seguintes amantes: Metternich, o diplomata e ministro cêebre; Joaquim Murat, o espectacular e bravo comandante da cavalaria de Napoleão; Duroc, duque de Frioul; Balzac, o escritor mundialmente cêebre e que tanto a ajudou na sua carreira literária; o marquês de Balincourt acima referido, cuja fortuna levou rombos enormes com o pagamento das dívidas formidáveis da amante; Forbin, a quem chamavam *le beau*; Fournier, conhecido por Fournier-Sarlovese, e por último Lanzan, e o sub-intendente militar De Launay... Dêstes indivíduos, cinco foram indubitavelmente seus amantes, havendo a notar que quatro: Metternich, Murat, Duroc e Balincourt o foram ainda em vida do general Andoche Junot; os quatro que se seguem a êsses cinco referidos, são-lhe geralmente atribuídos pelos seus biógrafos. Concordem os leitores que, para uma tão severa e inflexível censora dos deveres conjugais de D. Carlota Joaquina, são amantes de mais... O caso, porém, é Laura Junot possuir tão baixo estôdo moral que, no fim da vida quis á viva força casar com um indivíduo asqueroso, homossexual, cheio de crápula até ás orelhas: o marquês de Custines, cuja pública deshonra era espantosa mas que possuía uma fortuna principesca ambicionada por Laura Junot. Em vão os amigos da duquesa de Abrantes lhe contaram o que era o imundo marquês de Custines âcreca do qual o autor do *Balzac mis à nu* escreve: *S'il n'avait pas été le dernier des poltrons ou des lâches il eut surpassé le marquis de Sade en cruautés de toute espèce*: o imundo fidalgo era um partido pecuniário esplêndido e não houve expediente nenhum a que Laura Permon não recorresse para o levar a um enlace com ela, no que era imitada por Delfina Gny, mais tarde Madame Delphine de Girardin, a qual, vamos lá, a respeito de moral poderá hombrêar vantajosamente com a sua inimiga implacável, a senhora Duquesa de Abrantes!...

Mas, a-pesar do auxilio decidido que Honorato de Balzac lhe prestou nas suas tentativas para casar com o asqueroso marquês, Laura Junot viu totalmente iludidas as suas diligências: o marquês escapou-se-lhe das mãos como uma enguia e com êle o dinheiro que ela tanto ambicionava...

Laura Junot ingrata, vingativa, perdulária, caloteira e péssima educadora de seus filhos.

Já vimos, pois, o crédito que poderá merecer a severidade de Laura Junot no tocante á pureza de costumes e á observância do decoro conjugal... Mas a escritora em questão foi,

além disso e no que respeita a outras qualidades de carácter, uma autêntica miséria. Ingrata e vingativa, sem a menor dôze de espírito crítico e sacrificando fosse lá quem fosse a um dito de espírito, foi também uma gastadora incorrigível que lançava pela janela fora, às mãos ambas, o produto das copiosas ronbalheiras do marido — um dos maiores ladrões que nos visitaram — e uma caloteira empedernida sempre a contas com os crédores, a-pesar dos muitos milhões que o marido grangeou. Como educadora dos filhos (alguns dos que teve foram muito pouco canónicos), Laura Junot foi uma desgraçada dando-lhes a cada passo o espectáculo da sua miséria sexual e das suas ligações extra-conjugais. Chegou mesmo a encarrregar os filhos de lhe irem buscar De Launay quando êste, farto de a aturar, projectava escapar-se-lhe. Sangrava-se e, no vir a noite, tirava as ligaduras: *evendo que estas estavam suficientemente avermelhadas, elle envoyait ses gens, et même ses enfants à la recherche de l'inflâle*, para que lhas mostrassem e o tronxessem para junto delas, escreve um dos autores a que nos reportamos... Por isso os filhos foram o que foram: Napoleão, 2.º duque de Abrantes, um ser abjecto que mergulhou na crápula mais repelente, chegando a viver, mediante processos aqui incontáveis, da exploração exercida sobre as desgraçadas que é de uso terem o nome nos registos da policia sanitária; o 2.º, Adolfo Alfredo Miguel de Abrantes, nascido em Portugal em 1810 e morto em 1850 na batalha de Solferino, era um péssimo carácter, um imbecil, duas vezes casado e outras tantas enganado, que desancava conscienciosamente a segunda esposa, camarista da Princesa Clotilde, e lhe deu cabo de tudo quanto ela tinha, deixando as fillias na miséria.



Balzac, amante de Laura Junot. (Segundo uma litografia caricatural da época)

Quanto á descendência feminina dos esposos Junot, — duas fillias — o seu destino não foi mais risonho: a educação que a mãe lhas dêra juntamente com os piores exemplos tornaram-nas duas grandes desgraçadas...

ALVARO MAIA.

(Do livro: *D. Miguel I e as Côrtes Gerais de 1828*, a saír brevemente).

O M O N T E A L E N T E J A N O

(FOTOS DE MÁRIO DE NOVAIS)



Um típico «monte» do Alentejo

Quando entramos no Alentejo, quando pela primeira vez contemplamos a sua vasta planície dourada, toda ela vibrando de desconhecidas emoções de heroísmo, de trabalho e de rara beleza espiritual, algo de angústia e de encanto perturba a nossa alma, despertando-a para inauditas energias de acção e de pensamento.

Esta rude tarefa, imposta duma maneira violenta e solene, esmaga.

Começamos por nos sentir pequenos, impotentes, por fim, inúteis, e uma sensação de abandono entra a invadir-nos e passamos a reconhecer, ainda que o não queiramos, o forte, o misterioso poder da paisagem alentejana.

Então, desprende-se de tudo, desde a ingénua estêva, ao ramo perdido de oliveira; do perfil de uma torre de menagem, aos longínquos fundos onde a distância deixa de ser uma abstracção, uma serenidade feita de orgulho, que amedronta e afasta.

Breve a extensão, entontece, acaba por fazer adormecer o reccio, e uma calma rústica,

envolve-nos como uma carícia. A planície começa a seduzir-nos, evocando a memória confusa de um belo sonho de grandeza perdida, e começamos a marchar com pressa como se quizessemos ir ao encontro de ocultas maravilhas.

Um delicioso lirismo empolga-nos, embala-nos. Uma torrente de evocações entusiasmam-nos, e este entusiasmo vence a inércia dos primeiros momentos e auxilia a esmorecer o assombro que nos prostrou, e acaba por fazer compreender o orgulho e a majestade que a princípio nos impôs este vasto campo de tesouros e glórias adormecidas, que é o Alentejo.

Depressa sobremem o cansaço.

A planície é imensa. Parece que não nos deslocamos.

É impossível vencer a distância.

Volta a sensação do deserto, do abandono, da inutilidade.

Parece que nada há a fazer.

Afigura-se que tudo repele o homem.

Trigo, só trigo, azinheiras, oliveais e um cerco de fogo, mais nada.

Ah! como se compreende neste momento



Na fátua de arar a terra...

que a água viva, borbotante, é uma grande companhia, como um ser vivo. Um homem perto de uma fonte não está só.

A solidão aumenta quando reconhece esta verdade, e sobretudo quando sente que conosco, a própria terra grita, numa voz surda, e por isso mesmo mais impressionante.

— Água!... Um fio de água!...

Desce do céu uma tristeza imensa. A vastidão aumenta, mete medo. Tudo parece concentrado, sufocado, desiludido, depois de morta a última esperança de uma sombra.

A terra queima. As aves piam de vagar.

Tal é o cenário de entrada no Alentejo.

Nesta terra não se entra sem uma iniciação.

Só os que sabem o valor do trabalho, da fé na terra, e tem a alma forte e limpa para compreender a serenidade, a beleza austera do campo; só os que sabem comover-se com a nobreza deste povo simples e fidalgo, que viveu sempre entre o arado e o elmo, e que tem a sua existência sob um ramo de oliveira, é que poderão dispensar a iniciação.

Então podem em verdade dizer que compreendem a alma da paisagem e do povo do Alentejo.



Lavrando ainda, ao sol-pôr...

Então, passada a dura prova, grandes surpresas estão reservadas, fartas recompensas os esperam, como se um homem ousado e leal soubesse ter coragem para afrontar um deserto onde, nos confins do vasto areal, se encontra abandonada a riqueza de uma civilização desconhecida em tesouros fabulosos, esperando a vinda daquele que soube ter fé e coragem bastante para resistir e caminhar.

Então ouvir-se há como a indicação de uma fala mágica, a proposta de uma visita ao Monte.

Com a visita ao Monte alentejano, entramos na intimidade do Alentejo.

O Monte impõe-se-nos como a beleza magnânima de um milagre.

Chega-se com o mesmo alvoroço e religiosa

ternura dum viajante que topasse no longínquo deserto um magestoso templo de cristandade.

Já não há mais charneca rude, nem a planície esbraçada sem uma sombra.

Então aparecem os mármorem com seus reflexos de neve e de canela, e as cores magníficas de ricas tapeçarias, e sobre os muros evocadores de castelos, torres e

paredes brazonadas, todo um conjunto de pedras que falam de lendas de amor e de batalhas. Encontramo-nos recuados alguns séculos e envolvidos por sombras amigas, repousando encantados, numa hospitalidade fidalga, evocadora de um passado generoso, senhoril e simples, em que à sombra das árvores um homem era soldado, lavrador e artista.

Agora no Monte a paisagem adquire os tons formosos de uma majestosa quinta de recreio... A terra é tratada com amor, e o trabalho é tarefa de artistas. De tudo se desprende uma intensa poesia de acção e de recolhimento.

Sente-se o verdadeiro amor da terra.

Começamos a visitar os fartos celeiros, a abegoaria, os estábulos, as oficinas, a queijeira, os lagares, a casa da matança, o forno,



Porcos à bolêta, na planície alentejana



Alandroal, pitoresca vila do centro do Alentejo...

e por tóda a parte palpita uma azafama alegre e serena, desde o corte do feno à toquia das ovelhas.

Tudo aqui é manso, respira confiança.

Os bois obedecem. Quando é noite recolhem aos estábulos, entram em ordem, acatando com método a palavra do moiral.

O amanhecer no monte é um hino ao trabalho, feito de mil rumores cantantes.

Cantam os malhos nas forjas, os carros chiam no torvelinho alegre da abalada, e sob um vozear festivo saem os trabalhadores e o gado, começando os trabalhos do campo.

Pouco depois, grandes ranchos de homens e mulheres invadem a terra, e as debulhadoras, as gandanheiras, as ceifeiras e as enfardadeiras, tóda a maquinaria agrícola se movimentam num labor que é alegria e riqueza.

Na própria faina há recreio. As ferras, as tentas e as agarras de novilhos são verdadeiras festas de touros e cavalhadas.

A par desta festividade, palpitando na grandeza da terra, coexistem os trabalhos recolhidos, que requerem um cuidado de artista. As aves de capoeira, o fabrico da manteiga, as conservas de azeitona, todo um harmonioso labor que vai desde o funheiro à delicada fabricação de bolos e doces, que nenhuma casa alentejana, mesmo a mais pobre, dispensa.

Isto em tórno da habitação dos proprietá-

rios. Quem nunca entrou numa destas casas, não pode fazer ideia do que seja um interior alentejano.

Procura-se tudo o que de melhor possa haver de conforto, de requintado e de bom gosto na vida das grandes cidades; escolhe-se de preferência, com cuidados de decorador sapiente, tudo o que de moderno possa adaptar-se à beleza austera dos móveis raros, das pratas cinzeladas, dos tecidos que o

tes interiores que abundam no chamado monte alentejano.

Estas casas de campo são autênticos solares, verdadeiros museus, onde hoje se pode estudar o que foi a beleza, a elegância e arte da vida antiga de Portugal, com o culto da terra, do lar, da família.

Ali poderá ainda a nossa alma estremecer-se com a beleza do Passado, com a recordação dessa elegância, desse requinte tão português que sabia vestir-se das máximas asceseções de beleza, sem fugir à simplicidade da terra, à beleza do trabalho.

Trago nos olhos o colorido dos azulejos dum desses formosos interiores, em que a proprietária, uma senhora no mais alto significado da palavra, fixou como motivos ornamentais dos painéis que decoram as paredes, a lembrança suavíssima das variadas fases da vida do campo.

Que bem que se ajustava esta evocação do trabalho às áreas antigas, cobertas de toalhas de linho, às faianças portuguesas, aos pratos artísticos, cinzelados, às pratas, e àquela lajeira gigantesca, feudal, onde se podem queimar enormes azinheiras...

Na verdade quem não conhece o monte alentejano não conhece o Alentejo, mais do que isso...

...ignora Portugal heróico, trabalhador e artista.

E. F.



Uma ridente casinha de modestos rendeiros...

tempo tornou mais belos, tudo esbatido numa bela harmonia, com a vastidão das salas grandes de tipo esmerado, com belos frizos de azulejos, chaminé monumental, quadros preciosos, cadeiras, louças antigas nacionais, chitas de lindíssimos desenhos e cores, e duma encantadora profusão de rendas, e teremos uma pálida ideia de um des-

A TERRA PORTUGUESA

NOS SEUS ASPECTOS CULTURAIS

XII

OS NOSSOS PARQUES (Continuação do n.º 49) — O PARQUE DE MONSERRATE

Merece bem o Parque de Monserrate do qual nestes últimos dias, a propósito de uma possível venda, a imprensa diária tem vindo a ocupar-se, que sobre elle foqemos também aqui a atenção do público.

Na Sintra pitoresca que todos admiramos, tão rica de trechos notáveis, dado o tipo especial da sua «composição» não pode este Parque ser excedido por nenhum, pois que não é qualquer outro de natureza a comparar-se com elle.

O Parque da Pena, na sua grandeza e imponência crescente, tem características essencialmente florestais e assim cumpre considerá-lo, sem embargo das suas belezas naturais derivadas da posição excepcional que occupa e que tão bem souberam realçar os seus ilustres fundadores, (1) D. Fernando II e a sr.ª Condessa de Edla, crédores por este título da nossa gratidão pois que, «estran-

geiros» embora, como Mr. Cook, o 1.º Visconde de Monserrate, e juntamente com elle, realizaram, para o embelezamento deste cantinho privilegiado da terra portuguesa, uma obra que até agora não souberam, puderam ou quizeram igualar sequer, «os nacionais».

Se é assim florestalmente distinto o Parque da Pena, hoje um dos mais ricos «arboretos» do mundo, Monserrate tem por sua parte características que o tornam inconfundível. Já pela posição contrasta fortemente com a Pena; onde aqui temos, no alto da serra, com frequência o desabrigo eminente e miradoiros dos quais a vista se perde enfrentando amplísimos horizontes, ali encontramos quasi no fundo do vale, aconchegada a vegetação no abrigo que o próprio dobrado do terreno condiciona, e só por isso o ambiente adquire uma «dominadora serenidade».

Quem se dirige da vila para o Parque, pela estrada coleante, vai gradualmente embebendo-se dessa quietude excepcional; Seteais, Penha Verde, são, entre outros, os «passos» obrigados desta peregrinação que se desenrola toda ela, curto ou largo que seja o horizonte, numa paisagem impondo-se pela harmonia do conjunto.

No Parque, mais que a massa arborea, já de si imponente, e que include alguns exemplares dos mais distintos, cedros, araucarias, pinheiros, ciprestes, impressiona o visitante, do ponto de vista da flora, a profusão dos arbustos ornamentais, de floração extravagante ou vistosa, escolhidos com tal arte que em períodos sucessivos, da primavera incipiente ao declínio outonal, é sempre possível encontrar ali os traços de um colorido forte, animando as placas extensas e as peças ajardinadas. É, de facto, a nota de exotismo, poderosamente reforçada com a preciosa colecção de fetos dispondo-se sobre a



Parque de Monserrate. — Magestoso cedro Deodara

linha de água, de um candal abundante, que imprime carácter a este Parque, como são os conhecimentos botânicos aplicáveis à composição mixta de «parque» e «jardim», em perfeito equilibrio, que devemos admirar no organizador de Monserrate, juntos estes conhecimentos ao indispensável senso artístico que soube tirar, aqui como na Pena, todo o partido das condições locais.

Parece que desta riqueza destacante em toda a Sintra opulenta podem agora correr risco os preciosos destinos. Tem-se alvitado que, a mudar elle de dono, seja o Estado a empossar-se deste Parque; ficariam assim definitivamente encastoadas no património nacional as duas jóias de mais alto preço da terra sintrense: a Pena e Monserrate, uma e outra abrangendo ainda, em possibilidades de alargamento cultural, uma extensa zona de bravio. Merece todo o apoio um tal alvitre; além de que «conservar» é muito diferente e mais fácil que «criar», está inteiramente na feição do Estado-proprietário a posse de tais bens. Ponto é que saibam assegurar-lhes os «meios» para a conservação dispendiosa, e não se exija mais tarde ao zelo dos técnicos, já comprovado aliás, milagres que estes não podem realizar!

AZEVEDO GOMES.

(1) Vide artigo sobre o Parque da Pena na *Ilustração* de 1-1-1928.



No caminho para Monserrate. — Um belo «Pinus insignis» junto à casa da «Penha Verde»

GEORGE BERNARD SHAW

POUSA PARA UM RETRATO
POR 3.750 DÓLARES À HORA

É na margem sul do Tamira que o leitor poderá encontrar o Adelphi Terrace — comprida fileira de casas do tempo do rei Jorge, abrangendo af os seus quinhentos pés ou mais da aludida margem e completamente de face para o rio. Essa fileira de edifícios foi construída pelos quatro irmãos Adams: uma das casas servia-lhes de habitação; nontra viveu e morreu David Garrick. A propriedade foi há semanas posta em praça e muito embora os laços não fôsem aceites, a perspectiva da venda causou uma certa ansiedade entre os inquilinos: até George Bernard Shaw que ali estabeleceram, vai para trinta anos, o seu poiso predilecto se sentiu comovido. A sua casa — que afinal abandonou há poucos dias por um outro lar mais moderno! — estava situada num prédio de quatro andares, ao fim da rua.

O rez-do-chão ocupavam-no escritórios mas, ao entrar, a primeira coisa que chamava a atenção era um largo letreiro: «Mr. and Mrs. G. Bernard Shaw», enquanto ao tópo do patamar uma grade de madeira reforçada por lanças de ferro impedia o acesso, e um outro letreiro indicava ser particular o andar seguinte.

Era ali que o visitante, desde que conseguisse iludir a vigilância de certo janizaro arvorado em porteiro — e que sempre dizia a tóda a gente que o sr. Shaw estava a ares no campo! — se encontrava depois num verdadeiro beco sem saída... E, é claro, foi af que eu dei de cara com a primeira dificuldade. Tentei persuadir uma criadita a que me deixasse falar com Miss Patch, secretário particular de George Shaw. Consegui o que desejava, e Miss Patch lá apareceu mas, diga-se em abono da verdade, que nem necessário julgou abrir-me a porta porque segundo lhe parecem, eu e ela poderíamos muito

bem falar através da grade... E mais me disse que nem por sombras falaria a George Shaw para êle pousar... De facto, a maior parte do tempo gasta-o George Shaw a recusar-se terminantemente a servir de modelo a mais artistas. Fiquei um pouco desapontado mas não desisti de vér o grande escritor.

Do que eu desisti logo foi de abrandar o coração de Miss Patch: estava já vulcanizado. Mas eu tinha de vér o grande homem e de o tocar — não pela piedade mas pelo bom humor. Que iria êle fazer em semelhantes circunstâncias? Sabendo perfeitamente que a modestia é uma das características mais salientes do carácter de Bernard Shaw, e que a sua aparência agressiva não é mais do que a máscara do mais fino espírito e do melhor humor, esbocei, após várias cancelas, a carta que abaixo verão. Sabia muito bem que nada tinha a perder, antes pelo contrário. Portanto, a 1 de Julho escrevi ao illustre escritor o seguinte:

«Ex.^{mo} sr. Shaw:

Lembro-me de que, aqui há uns anos, V. Ex.^a, ao pousar para Rodin, dissera que se o fazia era por estar convencido de ser essa a única maneira de ganhar fama imortal.

Tudo isso estava muito certo pelo que tocava

à Europa, mas no que respella à América, permita-me que lhe afirme com shawiana modéstia, que a imortalidade lhe não perencrerá enquanto não fôr eu quem lhe faça o retrato.

Foi esta uma das razões que me trouxeram até Londres: o fazer com que V. Ex.^a seja imortal na América do Norte.

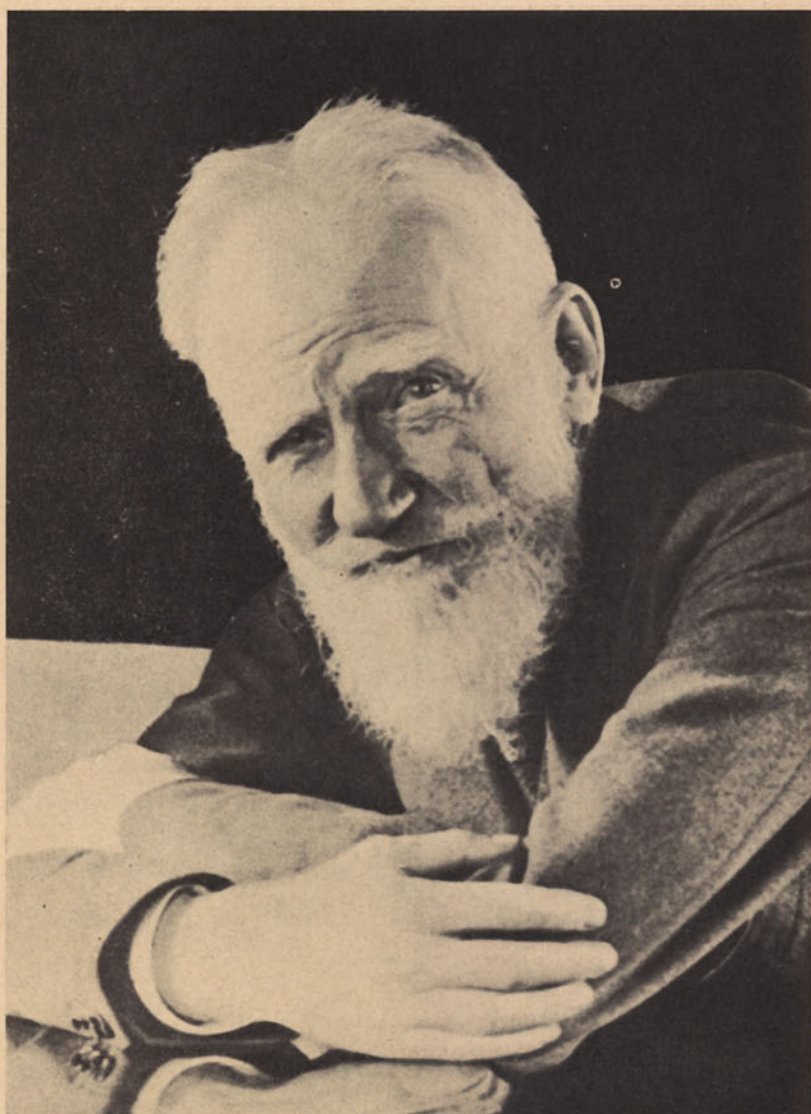
E dado que V. Ex.^a se convença de que isso lhe roubará apenas uma escassa meia hora, por certo concordará comigo em que o preço a pagar por tal imortalidade é bem minguada coisa!...»

Mas, não sei se lhes diga que a pessoa mais espantada do mundo inteiro ficou sendo êste criado de V. Ex.^{ss} ao receber no dia seguinte o bilhete abaixo:

«Presentemente, como modelo de artistas, posuo uma experiência muito considerável. Julgo, porém, que os meus honorários como modelo são em verdade proibitivos: 3.750 dollars por hora. E não estarei desocupado ldo cedo: pelo menos durante um ano, julgo eu.

G. B. S.»

Percebi claramente que uma resposta a tempo daria, excelentes resultados. Estava-se a 3 de Julho: a carta tinha de ir quanto antes. Por-



O último retrato de George Bernard Shaw



Uma caricatura

celebre por Tier



Caricatura do «Simplicissimus» mostrando o dramaturgo irlandês nas suas paradisíacas vilegiatúras na Ilha da Madeira

tanto, no dia 4 já Bernard Shaw lá tinha o bilhete que segue:

«Ex.^{mo} Sr.:

O seu preço para pousar convém-me. O preço que levo pelo seu retrato é exactamente o mesmo.

Não precisa de deixar o seu trabalho enquanto eu desenhá-lo.

No dia 8 lenho de me ir embora. Quando quer portanto que eu apareça em sua casa?

Se V. Ex.^a pudesse pousar esta tarde e pôr a assinatura por debaixo do desenho, ainda hoje mesmo, isso significaria simplesmente, para o povo americano, que, no dia 4, possuiria êle, devidamente autenticados, dois documentos esplêndidos!»

No dia chamaram-me ao telefone: George Bernard Shaw aquiescia a que o seu nome ficasse figurando na história ao lado dos de John Hancock, Thomas Jefferson e outros homens célebres.

Desde que me foi dado encontrar-me e falar com êle — ou antes deixar que êle falasse à vontade durante duas horas ou mais! — forçoso é que lhes confesse ter sido coisa de nenhuma importância o inspecionar aquilo que o rodeava. Agora, porém, volvido já algum tempo sobre o nosso encontro, começo a recordar, um pouco confusamente, o ambiente que o rodeava: lembro-me de ter tomado mentalmente algumas notas acerca da sua casa de jantar, mobilada com uma influência decididamente oriental — com os estofos amarelos, um maravilhoso aparador, aberto e cheio de faianças orientais e porcelanas, a chaminé do fogão povoada por dra-

gões chineses... Por detraz de mim ficava uma estante contendo entre outros volumes a *Roma* de Gibbons, as obras completas de Wagner e os romances de Balzac.

Duma das paredes, tôda de amarelo claro, pendia o retrato de Shaw, pintado por Augustus John e a respeito do qual retrato, o escritor me disse ter a princípio emburrado com êle, mas que presentemente achava ser um dos melhores que sabia existirem, não porque fôsse êle em carne e ôsso, mas sim porque constituia uma ressurreição monumental do escritor e dos seus propósitos.

Foi na sala de jantar, pois, que eu o retratei. Das largas janelas abertas avistava-se a perder de vista o Tamisa. George Bernard Shaw nesse dia tinha visitas: um economista australiano que se interessava muito pelo teatro. E quando o visitante se apresentou como economista, Shaw exclamou:

— Ora é isso mesmo que eu sou também! Escrever peças é apenas um modo de passar o tempo.

E continou:

— Dos autores modernos, aqueles que mais me agradam são Pirandello e Strindberg. As peças dêles não são o desenvolvimento lógico de temas, e a verdade é que eu sou já tão experimentado no ofício que uma peça logicamente desenvolvida já não pode conter surpresas para mim. Sei logo desde o princípio o que vai acontecer e, portanto, perco o interesse. Mas quando uma peça vai seguindo por ali fora sem nenhum plano aparente e, de entrada, nenhum desenvolvimento consecutivo ou intriga nenhuma aparecem com nitidez, sinto-me logo intrigado, empenho-me imediatamente em lhe descobrir os propósitos e o desfecho. E, é claro, se o autor é maluco, a peça torna-se a coisa melhor deste mundo. Pelo que toca a Strindberg, é fora de

dúvida que era maluco. Tinha a ideia fixa de ser um homem atacado por doença de morte. Lembro-me de que visitei Estocolmo e de que julguei ser um dever de cortezia internacional o fazer uma visita a Strindberg. Rabisquei, pois, duas linhas participando-lhe estar naquela cidade e não desejar ir-me embora sem lhe apresentar os meus cumprimentos. Recebi como resposta que o sr. Strindberg estava doente de mais para me receber. Mas no dia seguinte, sem que eu tivesse insistido na visita, recebi um bilhete no qual se me dizia que Strindberg estaria em casa naquela tarde. Foi. Durante uma hora Strindberg foi encantador. Sábado, puxou do relógio, olhou para êle durante momentos e, depois, com uma voz temível exclamou:

— Dentro de vinte minutos serei um homem gravemente enfermo!

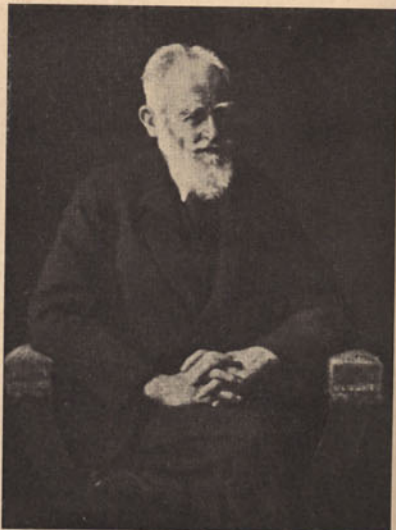
— E até hoje — continou G. B. Shaw — ainda não pude saber saber se tudo aquilo era causado pela minha visita, se por êle ter a cabeça desarranjada!...

«A economia politica portanto é que tem occupado a maior parte do meu tempo embora, — e talvez isto lhe pareça extranho — a música tenha desempenhado um grande papel na minha existência. Meu pai e minha mãe eram ambos muito dados à música e eu fui criado numa atmosfera musical. De facto foi a harmonia o que eu sempre procurei. A música clássica, Beethoven e Bach, fizeram parte da minha infância e por tal modo que, em verdade, custame imenso a compreender e apreciar as fórmas ligeiras da música: foi só depois de grandes esforços que logrei apreciar as valsas de Strauss.

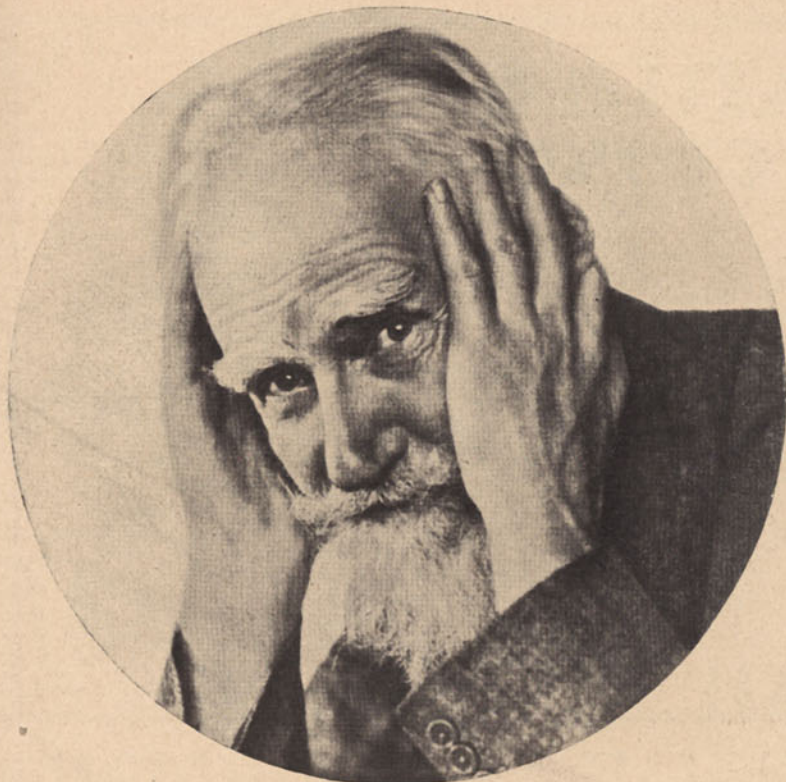
«A maior parte da gente ignora ter sido um americano quem realmente me fez apaixonar pela sociologia. Quando eu era ainda moço Henry George veio a Londres e deu aqui umas conferências lidas. Senti-me atraído, tanto pelo homem como pelas suas idéas. As suas teorias revolucionárias seduziram-se. E devo dizer que ainda hoje lhe encontro razão em vários pontos.

«De Henry George cai em Karl Marx: o seu *Capital* apoderou-se do meu espirito e tornei-me socialista. Não admira: eu era ainda muito rapaz... Nesses tempos eu estava pronto a seguir na cola de tudo quanto cheirasse a novidade. Mas é extranho como os homens mudam!... Naqueles tempos eu recusava-me a dar crédito a uma só palavra da Bíblia mas estava sempre disposto a aceitar e toda e qualquer nova teoria inventada por não importa que cientista. Hoje é mais fácil para mim acreditar a história de Jonas no ventre da baleia do que um facto já provado por um homem de sciência!...

«Mas voltemos a Karl Marx. Eu tornara-me



Um célebre retrato do famoso irlandês



George Bernard Shaw, o rei do Sarcasmo

sen devoto sequaz e assim fiquei até que Stanley Jevons me fez ver quanto havia de palacioso na sua teoria do valor. Não que eu ficasse dali em diante inimigo de Marx; simplesmente, comecei a aceitá-lo com reservas: era devido à Fabian Society que as suas teorias se tinham tornado populares em Inglaterra. Marx era um ratão bastante extravagante. Nunca me encontrei com ele, mas aprendi muito a respeito da sua personalidade. Uma das mais divertidas histórias que ouvi a seu respeito foi contada por uma senhora cujo marido fora um dos mais íntimos amigos de Karl Marx: um camarada socialista.

«Durante anos ambos haviam sido unha com carne. Mas uma tarde quando saíam de uma reunião, o marido da senhora em questão, enganou-se no chapéu e levou o de Marx. Servia-lhe e Marx que tinha imenso orgulho em possuir uma cabeça de tamanho descomunal, desde aquela noite nunca mais falou àquele que, até ali, fora o seu mais íntimo amigo.»

As maneiras agradáveis de Shaw, o encanto e tom sonoro da sua voz com uma tal ou qual queda para o desafectado da frase, o interesse que toma pelos assuntos de que fala e os engraçados rodeios que dá à sua conversação, tornavam-me extraordinariamente difícil o trabalho. Bem desejava pôr de parte os carvões e tangerinar um pouco mas, impossível! De modo a acabar o meu trabalho, tive de me concentrar no desenho e prestar menos atenção à conversa. Várias observações suas me ocorrem ao espírito mas o certo é que me sinto incapaz de as reproduzir exactamente: não logro reconstituir o modo como ele passava dum assunto para outro...

Como é que Shaw começou a falar da sua religião, isso não me lembro: o que sei é que se falou a esse respeito. E recordo-me de lhe ter ouvido o seguinte:

— Tenho a mesma religião que Dean Inge. Somos Quakers. Não acreditamos em orações fixas. Quanto precisamos de falar com Deus, usamos a mesma linguagem que ordinariamente se emprega na vida cotidiana, já mais orações compostas para nós por outras pessoas, e não precisamos duma igreja para entrar em

santa comunhão com Deus. Recordo-me de que há tempos surgiu um movimento intenso no sentido de se proteger mais a catedral de S. Paulo contra um possível incêndio. Realizou-se um comício a que assistiu muita gente: uns queriam que houvesse mais extintores de incêndio, outros advogavam o uso de brigadas especiais de bombeiros. Os alvíteres foram sem conta. Quando todos tinham terminado vinse que o Deão Inge não havia proposto coisa nenhuma. Preguntaram-lhe o que julgava se deveria fazer. E a sua resposta foi: «Ora! deixem-na arder à vontade!»

Agora — e não sei por que modo se suscitou a questão — Shaw começa a falar dos afectos humanos. E como lhe perguntassem se sim ou não eram a coisa mais forte de todo o mundo.

— Os afectos humanos — respondeu com um sorriso zombeteiro — são a maior praga da humanidade e o principal obstáculo contra o progresso. Lembrem-se de mim, por exemplo: toda a minha vida tenho sido para aqui uma pessoa cheia de affectos... Mas tudo quanto tenho feito, fi-lo a despeito disso...

É difícil mostrar pela palavra a importância de tudo quanto Shaw vai dizendo. Porque, além de todos os dotes que nele concorrem, Shaw mostra-se um actor consumado. A maneira com se expressa tem tanto da sua individualidade como as suas próprias palavras.

Confesso francamente que, antes de com ele me encontrar, tinha umas certas prevenções a respeito da sua personalidade. Um espírito que tão descaradamente dissecava a alma humana e expunha à vista do público todas as fragilidades que conseguem tornar ridículo um povo inteiro, uma tal mentalidade deveria possuir uma fria e calculada osadade em si mesma.

Mas, ao encontrar-me com ele, o receio desapareceu e, ouvindo-o falar, quem quer se encheira de admiração por ter suspeitado semelhante coisa. Sentado, de pernas cruzadas, no seu sofá, mãos cruzadas nos joelhos, cabelos brancos e luzeantes que mais brancos pareciam ainda por contraste com a sua rubicunda compleição, Shaw personificava a genialidade. E, quando falava, um sorriso lhe tomava a face toda, iniciando-se nos olhos e espalhando-se lhe pelos

lábios. Gosta da vida e do seu semelhante e comunica esse sentimento aos que o escutam.

O esboço estava acabado. E preparava-me para pôr em ordem o material; para me tornar o caso mais fácil Shaw tirara dum cavelete certo quadro que lá estava e transportara até junto de mim o aludido cavelete.

Fixei o meu desenho e pedi-lhe que lhe puzesse por debaixo a sua assinatura, o que ele fez, muito embora me dissesse ao mesmo tempo achar isso desnecessário pois que, quemquer diria logo de quem se tratava... Mas, conforme pude, fui adiando a minha partida. Shaw já falara do socialismo, do teatro e até da religião. Mas eu queria mais.

Tinha-me sido impossível desviar a conversa para o assunto da arte. Por detrás do escritor, sobre uma secretária estava o busto que dele, anos antes fizera Rodin — o mesmo a que eu me referira na minha primeira carta. Indiquei-lhe essa obra de arte e perguntei se Rodin precisára de muitas sessões.

— Sim senhor: um número respeitável de sessões. E o melhor é que, durante a factura do busto este tornou-se um curso completo da evolução da arte. No fim da primeira sessão, estávamos em frente duma obra do primeiro período da arte grega — com o sorriso arcáico e tudo o mais. Daí por diante começa a tomar os estilos grego e romano e, a certa altura era um exemplo perfeito da escultura do século XII, uma obra prima desse período. E assim se foi andando, de século para século até que ficou pronto.

Rodin parece ter sido um dos heróis de Shaw. Mostrou-me numerosos retratos que dele possuía e os quais conservava ali no seu gabinete de trabalho. Tinha sido feitos por Coburn que de Londres enviara especialmente para esse fim. Mostrou-me também o famoso *Retrato na* e contou-me a maneira como o conseguira: Coburn e ele estavam discutindo o *Pensador* de Rodin. O escritor tentou, sem o conseguir, imitar a pose da célebre estátua. E, assim, a certa altura, lembrou-se de que talvez despedido o conseguisse. Dito e feito: toca a tirar a roupa e Coburn desfechou a objectiva. Mas Shaw confessou-me que nada se consegue, e que a pose absoluta não pode ser dada por ninguém.

Shaw mostrou-me também outros retratos seus, tirados af à roda dos trinta e quarenta anos. E uma coisa me chamou imenso a atenção: a aparente mudança que se operara na formação do seu crânio. Fiz-lhe notar isso e Shaw assegurou-me ser um facto que, quando mais moço, tinha a cabeça mais larga do que comprida; nos últimos anos porém o crânio havia-se lhe alongado.

— Por fim aventurei-me a perguntar-lhe:

— E agora, sr. Shaw, o que pensa da arte moderna?

— O que penso da arte moderna? Há setenta anos que não pratico outra coisa! — respondeu com um delicioso sorriso. — Mas, seriamente, julgo que nela alguma coisa há de excelente. Penso que um grande número de incompetentes se serve dela como dum manto para encobrir a sua mediocridade. Mas, tomemos para exemplo Matisse; pela beleza e segurança das suas linhas fiquei sabendo que o homem pode desenhar dum modo académico desde que assim o deseje. Devo confessar que a princípio as suas obras me pareceram estranhas. Mas, tanto olhei para elas que actualmente lhes distingo a beleza sem permitir à sua aparente estranheza o intervir na minha apreciação. Não me parece que o alvo definitivo haja sido atingido: para cada movimento houve sempre muitos precursores. Tanto faz que se trate de arte ou de religião. Cezanne, Van Gogh ou Matisse podem ser sómente profetas ou João Baptista.

Mas uma coisa há que o senhor tem de admitir, quer queira quer não; olhe para essas pinturas uma e muitas vezes: tenha-as no seu lar e elas far-lhe hão sentir que a obra dos seus predecessores é triste, desmazelada, monótona e sem vida!

S. H. WOOLF.

(Anglo American N. S. Copyright).

O ENCANTAMENTO DO INVERNO



POR GVEDES D'AMORIM

A procissão das horas, com seus passinhos muito certos, intermináveis, muito cuidados, está a desfilar pelo extenso salão, branco e cinzento, do Inverno.

Para além dos vidros, para além das janelas, os grandes monóculos das casas, vê-se passar, suceder, a ronda dos friorentos. Passam as peliças mais decididas e passam os primeiros sobretudos, uma tira de manchas negras, modelando os corpos, caminhando apressadamente. Seguindo sempre, fugindo sempre à impertinente perseguição do frio.

Essa cortina de nevoeiro, aberta, corrida ao longo das ruas e à beira dos caminhos, na frente de todos os prédios, na nossa frente, parece afastar-nos, todavia, muito ironicamente, deste salão caído de neve, tiritante, com um teto de nuvens agressivas, ameaçadoras... Porém, as mãos e os pés, vigilantes, atentos aos assaltos misteriosos do frio, não acreditam nesse reposteiro quimérico... Surgem, escondidos em fortes de borcha e de lã, preparados para a luta, preparados para a encantadora batalha do Inverno.

Envolve-nos um ar levemente molhado, húmido, como uma saúde sem remédio. É o anúncio verdadeiro, infalível, de que, todos nós, sob um céu que prepara a marcha das tempestades, vamos, escondidos nas muralhas dos agasalhos, vamos subir em todos os dias e noites desta estação para as mais diversas viagens da beleza e da inteligência.

Dentro do Inverno, estação do tempo neblinado, lacrimoso, estação onde se desce e sobe para os expressos das emoções iluminadas, há o encantamento das viagens imprevisíveis. Viaja-se através dos dias com uma ba-

ragem de surpresas. Passa-se através dos quilómetros de minutos com malas e maletas atulhadas de realidades desconhecidas.

O tempo do frio e da chuva tem, na sua fisionomia de concha do sortilégio, o sabor dum segredo para toda a gente. As palavras, essas palavras sem alarido, que tombam dos lábios pálidos ou ensanguentados de carmim, são palavras que se transformam em fumo, e que todos os olhos compreendem. E os gestos, desenhos que os braços expõem nas paredes londrinas do ar, são retalhos de segredos que todos nós desvendamos.

Mas, considerar o Inverno como um segredo é compreendê-lo como uma realidade espiritual. É, em antes de tudo, fitando e sentindo o seu enorme aspecto de quadro de impressões intimistas, apresentá-lo como o tempo que predis põe o espírito para os mais ardentes vãos mentais.

Há um profundo deslumbramento de moderna catedral, de catedral de atitudes intelectuais e estéticas, durante todo o Inverno. Em torno de nós, na braza dos cigarros, no olhar misterioso das friorentas, nas janelas fechadas como olhos de cegos voluntários, nas montanhas embaciadas, e do lado de lá das portas, e no chale azulado, em andrajos, do espaço, está uma religião de beleza que os olhos, abençoados pela mão do raciocínio, sabem adorar em préces de amor da inteligência e dos sentidos.

O Inverno, que é um longo crepúsculo com estrelas de luz eléctrica espreitando às esquinas e pintalgando as ruas, lembra uma madrugada de milagres humanos, de milagres realistas. A religião do trabalho, que é a verdadeira crença e a verdadeira fé das

mãos que rezam com ardor civilizado, faz, durante todo este tempo, o milagre de corporizar os mais impossíveis e os mais escondidos sonhos. Aspectos diferentes, aspectos verdadeiros, que são capas da realidade, aparecem diante dos nossos olhos. Os corpos estão mais próximos, mais ligados à vibração dos momentos. E os livros que surgem, que aparecem nas montras das livrarias, coloridos altares da literatura, são novidades purificadoras para a multidão.

As cidades sem o Inverno, sem este tempo que as transforma em babilónias de vultos apressados e cartazes luminosos, teriam o volumoso e triste aspecto de casas abandonadas. Ele é para as cidades o que a Primavera é para os campos e para os jardins. Dá-lhes mocidade, desperta alegria dentro de todas as ruas, e desdobra um profundo anseio de viver por todos os corações. Fora das cidades, nos campos, retalha a alma e humedece a retina. A neve nos braços das árvores e no peito das serras compõe um cenário de desolação, que atormenta como o cenário de uma novela russa.

A sua acção nas cidades tem, pelo contrário, muito de conforto e elegância. Estende-se por todos os lados como que preocupado em dar agitação a todos os transeuntes. Há, na realidade, uma outra vida, uma vida nova durante este tempo. Uma vida que, cheia de malícia e encanto, se encontra, como numa tela de animismo cinematográfico, a dispender segundos pelas casas de chá e a envencenar as pernas na aveludada carícia dos tangos.

(DESENHOS DE
CARLOS CARNEIRO)

O CENTENÁRIO DE FRANZ SCHUBERT

As biografias, as análises, as reconstituições do meio, as anedotas, em suma tôdas as espécies de História e de histórias se acumulam sobre os grandes mestres do pensamento, da ciência e das artes,—e ainda as relevantes figuras de guerreiros e legisladores,—depois de consagrados pelo Tempo.

Mas, justamente, a consagração do tempo abre, em geral, uma margem mais ou menos larga entre a existência real do homem célebre e a sua existência definitivamente perpetuada pela sua obra. E quando a curiosidade de cada João Ninguém se aguçá sobre uma figura, um nome, já a Fantasia foi tomando conta do caso, e em vez de história autêntica e autenticada vai-nos dando Lenda. Se acontece que a fantasia até nas vidas obscuras reclama o seu lugar e troca a sua possível poesia por um tributo de desconfianças e receios, e as lendas se constroem sobre criaturas em foco por um mero capricho momentâneo da moda ou de uma extravagância de milionário!...

«Uma verdade para cada um»,—disse Pirandello. Para nós, a verdade é esta: os melhores documentos são a própria obra que nos ficou, e, então, as biografias severas, limitadas às datas e factos devidamente autenticados.

Mas se não somos apenas uns teóricos ou uns científicos que só tratam de estabelecer quadros comparativos, qual a importância para nós duma data sêca, dum facto sem o móbil psicológico que o originou?... As obras nascem da ciência e da intuição das proporções, mas o que as anima é a sensibilidade em explosão; e o que nos interessa, a nós que vivemos da acção e da reacção das sensibilidade umas sobre as outras, é reviver tôda a emoção não só que se immortalizou nas obras, mas também que as gerou. Por isso, não consideramos nem mesquinho nem malfico o interesse que a psicologia e os episódios românticos dos homens célebres despertam. E serão sempre preciosas as evocações que forem palpantes, embora fantasistas, embora lendárias!

Tôdas estas considerações, agora, são nascidas a propósito do centenário de Franz Schubert, falecido em Viena a 19 de Novembro de 1828,—isto é só vinte meses depois de Beethoven, embora nascesse uma geração mais tarde. Estão actualmente sepultados um ao lado do outro, no cemitério central de Viena, onde repousa também, ao pé dêles, J. Brahms, que nem era nascido quando Schubert morreu. E essa camaradagem fúnebre de alguns ossos fala-nos ao coração como um facto vivo.

Quanto à curta existência de Franz Schubert, cremos que todos os biógrafos e historiadores musicais a teem, por unanimidade, em conta de pobre, alegre e sãdia. Porém,

E A COMEMORAÇÃO POR VIANA DA MOTA

basta comentar os três adjectivos para abrir uma perspectiva menos banal: a pobreza de Schubert seria só parcial, aparente para melhor dizer, visto que não tinha apetites de rico e que a verdadeira pobreza só principia quando há privação; a sua alegria havia de ser por força muito mitigada pelo seu ideal constante e nunca realizado de compôr óperas que vingassem; e sãdio, só o foi até certo ponto, pois não soube refrear a sua ânsia de compôr freneticamente, aglomerando uma soma fantástica de obras e morrendo de esgotamento aos 31 anos!

Schubert, de certo, pensava constantemente por música, e realizava imediatamente, com rapidez fulgurante, o seu pensamento. O que é a rapidez física do soldado que corre a anunciar a vitória de Marathon, ao pé da de Schubert?

O pedagogo musical pontífice de Paris,—ou seja Vincent d'Indy,—não perdôa a Schubert que não se tenha dado ao trabalho de separar o joio do trigo, e o seu espírito essencialmente architectural só vê desequilíbrios e erros nas obras de maior fôlego do genial vienense, acabando por resumir a sua opinião nas seguintes palavras do célebre crítico inglês Sheddock: «Schubert foi o escravo das suas idéas musicais e não soube nunca ser o amo delas». Por seu lado, o pedagogo musical-pontífice de Leipzig afirma: «A harmonização das obras de Schubert é merecedora de reparo sob todos os pontos de vista, e encontram-se nela em embrião Schumann e Liszt inteiros... O trio em mi bemol maior e o quarteto de cordas em ré menor são obras do mais alto merecimento. A sinfonia em dó maior e a Incompleta são as mais eminentes (!) no domínio da música de orquestra posterior a Beethoven...» É consolador para as pequenas individualidades em divergência que individualidades magnas como estas duas que dum modô geral imperam na Europa musical se achem também em desacôrdo,—mas sirva de exemplo a sua cortezia e a sua sinceridade incapaz dum sofisma. Temos, mais uma vez, a eterna «verdade para cada um»; e, como lembra Anatole France num dos seus contos mais geniais,—*Humaine tragédie*,—a luz decompõe-se na gama completa das côres, que por sua vez reünidas tornam a dar o branco,—a Luz!

Assim, não será disparate concordar ora com Vincente d'Indy, ora com Hugo Ric-

mann,—e mais ainda, muito mais, porque é o coração que se desperta e fala e não sómente o sentido crítico, que é apenas cerebral, com o próprio Franz Schubert! De resto, tem para todo o sempre, e incontestado, o título de Rei do Lied,—ou seja do trecho pequeno para canto, caracterizado pela completa união do texto poético com o texto musical. Beethoven coroava no isolamento, no desconsôlo moral e físico, a sua obra de amplitude sobre-humana, Schumann vinha longe ainda, já alguns compositores de ordem secundária esboçavam o género lied, mas Schubert dava-lhe a existência definitiva, imortal.

E, a comemorar o centenário da sua morte, foi um Schubert de ramificações entusiasticamente apreciáveis o que Viana da Mota, com a colaboração de artistas jovens ainda, ergueu ante nós no Salão do Conservatório. Foram interpretados nesta sessão memorável o trio em si para piano, violino e violoncelo, alguns lieder dos mais célebres, um rondô brilhante para violino e piano, e a fechar a grande Fantasia op. 15 para piano, com o final na estupenda versão de Liszt.

Marina Dewander Gabriel, Paulo Manso, Fernando Costa, e também nos acompanhamentos dos lieder Campos Coelho, mostraram-se dignos colaboradores do eminente Mestre e genial interprete, cujo gesto de camaradagem foi assim largamente recompensado. Noite de arte pura, de emoção intensa, em que dominou plenamente a impressão de Camille Mauclair: «Schubert, como Schumann, era um ser simplês, divinamente simplês, que sabia, com uma nota ou uma palavra apenas, atingir o mais profundo da alma humana...»

Também referindo-se, um pouco antes, à banalidade que certos pseudo-requitados encontram em Schubert, diz o mesmo Camille Mauclair: «...Nós vivemos sobre um certo fundo de banalidade. Que há de mais banal do que o Amor? Que há de mais «démôdo» do que a Saúde? Que há de mais banal do que a Beleza? E sobretudo que há de mais banal do que a Morte, que é o desfecho comum de tôda a gente?...» E nisto, nós concordamos com o enunciado mas não com a conclusão a que Mauclair quer chegar. Todos êsses factos em si não são nem deixam de ser banais, mas sim apenas a particularidade de que se revestem. E, portanto, nem à maneira como quer Camille Mauclair podemos achar Schubert banal. Ir ao mais profundo da alma humana com uma simples palavra ou uma simples nota, é a suma simplicidade artística. E sabem todos os que merecem nome de Artista o que custa alcançar essa suma Simplicidade! A palavra que revela a Divindade, muitos a podem ouvir, embora nem sempre à primeira, mas só poucos,—muito poucos!—a sabem pronunciar!...

FRANCINE BENOIT.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM SETEMBRO DE 1928

LITTERATURA

AMARAL (VERGÍLIO) — *Ao som do cavaquinho*, com *Duas palavras* de prefácio do dr. Claudio Basto. 118 p. c. vinhetas e capa il. pelo A. — 75\$0.

BIANCHINI (HELENA) — *Primavera*. Peça em 3 actos. 168 p. 8.º e. capa il. — 10\$00.

BRAGA (ALBERTO V.) — *Curiosidades de Guimarães*. Mulheres, jôgo, festas e luxo. (*Separata*) da «Revista de Guimarães». 80 p.

BRANDÃO (JÚLIO) — *Nuvem de ouro*. 3.ª ed. 144 p. 8.º — 10\$00.

CABRAL (ANTÓNIO) — *Os amores do Capitão-mór*. Farça original em 1 acto e em prosa e verso. 63 p. — 3\$00.

CAMPOS MONTEIRO — *Santa Olívia*. Poema dramático. 174 p. 8.º, e. capa il. — 10\$00.

CASTRO (AUGUSTO DE) — *As Mulheres e as Cidades*. 197 p. 8.º — 10\$00.

DIAS (ANTÓNIO) — *Lário*. Poesias. 94 p. c. capa il.

DUARTE (MÁRIO) E ALBERTO DE MORAES — *César e João Fernandes*. Comédia em 1 acto. 40 p. — 2\$50.

FEDRO. *Fábulas*. Trad. liberal por E. H. Para uso dos estudantes de latim. 76 p. — 5\$00.

FIGUEIREDO (CÂNDIDO DE) — *Estrangeirismos*. Resenha alfabética e crítica de centenares de vocábulos e locuções estranhas, indevidamente usadas em nossa moderna linguagem oral e escrita. Vol II. Nova ed. 327 p. 8.º — 9\$00.

FIGUEIREDO (CÂNDIDO DE) — *Gramática sintética da lingua portuguesa*. 269 p. 8.º — 7\$00.

FIGUEIREDO (CÂNDIDO DE) — *Problemas da linguagem*. Vol. I. Nova ed. 368 p. 8.º — 9\$00.

IBÁÑEZ (VICENTE BLASCO) — *A Casa das três rosas* (Arroz y Tartana). Romance. Trad. de Agostinho Fortes. 344 p. 8.º e. capa il. — 10\$00.

MACEDO (MATEUS DE) — *Alma que resa*. 100 p. 8.º — 10\$00.

MONTEIRO (NUNO DE) — *O Irmão de Luzia*. Nova ed. 287 p. 8.º e. capa il. — 10\$00.

MORAES (ALBERTO DE) E MARIO DUARTE — *Duas causas*. Peça em 3 actos. Inspiração duma obra estrangeira. 172 p. 8.º — 8\$00.

MORENO (MATEUS) — *A Carla*. 1 acto em verso. Nova ed. 24 p. 8.º — 3\$00.

MÚRIAS (MANUEL) — *A Língua Portuguesa no Brasil*. 22 p. — 7\$50.

NUNES CLARO — *A Cinza das Horas*. Sonetos. 200 p. 8.º e. o retr. do A. — 9\$00.

PEDRO (ANTÓNIO) — *Distância* — Canções. Com uma carta-prefácio do dr. Coelho de Carvalho. 88 p. 8.º — 7\$50.

PIRES DE LIMA (AUGUSTO C.) — *Cançãoeiro popular de Villa Real*. 239 p. 8.º e. o retr. do dr. Luís Esteves de Aguiar. — 6\$00.

PITA (PEDRO) — *Gente que passa*. Com um prefácio do dr. Júlio Dantas. 208 p. 8.º — 8\$00.

REIS GOMES (J.) — *Figuras de teatro*. Colecção de extractos dalgumas das mais notáveis críticas de teatro. 126 p. 8.º.

RIBEIRO (ARTUR) — *O Barão de Falações*. scenas focadas na vida portuense. 237 p. 8.º, e. capa il. — 10\$00.

RIBEIRO (MANUEL) — *A Batalha nas sombras*. Romance. Nova ed. 290 p. 8.º — 10\$00.

RIBEIRO ALVES JÚNIOR (JOSÉ) — *Iniquidades sociais*. Romance. 193 p. 8.º — 6\$00.

ROCHA (ADOLFO) — *Ansiedade*. Versos. 72 p. 8.º — 6\$00.

SÁ CARDOSO (LUÍS DE) — *Amor do coração...* *Amor dos sentidos*. 190 p. 8.º e. capa il. — 7\$50.

SALEMA VAZ — *Suavidade*. Versos. 146 p. 8.º.

SAN-BRUNO (EMÍLIO DE) — *O caso da rua Volong*. *Scenas da vida colonial*. 414 p. 8.º — 15\$00.

SANTOS (CARLOS) — *Poeira do palco*. Opiniões, anedotas e comentários. 192 p. 8.º e. retr. do A. e capa il. — 8\$00.

SOUZA COSTA (EMÍLIA DE) — *Aventuras da carochinha portuguesa*. II. de Vasco Lopes de Mendonça (Biblioteca dos Pequenininos). 94 p. c. grav. e cap. il. — 5\$00.

TAYLOR (CARLOS L.) — *Uma verdade desconhecida*. 128 p. 8.º e. grav. — 3\$50.

VAZ DE CARVALHO (MARIA AMÁLIA) — *Cartas a Luzia*. Moral, educação e costumes. Nova ed. 250 p. 8.º — 10\$00.

VAZ FERREIRA — *Divorciados* (Os três estados — V). 274 p. 8.º e mais XXX p. num. em romano — 10\$00.

VICENTE (GIL) — *Obras completas*. Reimpressão «fac-similada» da edição de 1562. (Publicações da Biblioteca Nacional) CCLXII p. — 15\$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

BALÃO (ANTÓNIO) — *O Cardeal Saraiva como guarda-mór da Torre do Tombo*. 14 p. — 5\$00.

CHAGAS FRANCO — *O génio grego e o politelmo. Evolução religiosa da Hélade* (Biblioteca de Evolução Social «A Evolução da Humanidade» IX) 248 p. 8.º e. grav. — 6\$00.

COUÇO (MONS. GUSTAVO DO) — *Ação missionária dos franciscanos portugueses na Índia*. 37 p. — 8\$00.

FREIRE (JOÃO PAULO) (Mário) — *Alcácer-Kivir!* Apontamentos históricos sobre a acção da Espanha antes do domínio dos Filipes. 128 p. 8.º — 6\$00.

ORNELAS (AIRES DE) — *Vlagem do Príncipe Real*. Julho a Setembro de 1907. 144 p. c. grav. e retr. do príncipe D. Luís Filipe. — 15\$00.

ROCHA MARTINS — *O grande capitão* (Heróis, Santos e Mártires da Pátria, da Colecção História) 64 p. c. grav. e capa il. por Raquel Gaimeiro Ottolini — 2\$50.

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS

M.^{lle} Mathilde Pomès, professora do Liceu Victor Duruy, de Paris, é também uma culta escritora muito dedicada ao estudo das línguas e literaturas latinas. Sendo-lhe concedida, em 1920, a importante bolsa de viagem Antour du Monde, esteve então em Lisboa, aqui voltando anos depois, subvencionada pelo ministério de Instrução Pública do seu país, a fim de preparar a sua tese de doutoramento. Entre os muitos estudos que lhe tem inspirado a nossa literatura, devemos mencionar, como decêras brilhantes e bem informados, os relativos ao grande poeta Eugénio de Castro e as traduções e adaptações portuguesas de Moilbre, que são notabilíssimas, no entender da illustre lusófila.



M.^{lle} Mathilde Pomès

SCIÊNCIAS E ARTES

GUERRA (OLIVA) — *Breviário do pianista*. Prefácio de José Viana da Mota. Nova edição. 130 p. 8.º — 5\$00.

GUERRA (OLIVA) — *Ritmos*. Nova ed. 136 p. 8.º.

LARBALETRIER (A.) — *Enxugo das terras*. Trad. de João da Silva Fialho (Pequenas fontes de riqueza). Nova ed. 136 p. 8.º — 5\$00.

LIMA (SÍLVIO) — *O Problema da recognição* (Estudo psicológico teórico-experimental). 228 p. 8.º e. diag. e XVIII est.

MADUREIRA (ALBERTO) — *A propósito da exposição de Sevilha* (A reunião de O Século e o turismo...). 58 p. c. grav. — 10\$00.

OLLEBOMA — *Culinária*. 748 p. 8.º e. grav. — 55\$00 (enc. 60\$00).

PÉLICO (SÍLVIO), filho — *Antologia de cultura geral e de cultura profissional* (Para os 1.º e 2.º anos das escolas elementares técnicas) 224 p. 8.º.

PERALTA (JOSÉ) — *A Cultura da vida pelos agentes naturais*. Vol. I. 31 p. c. grav. — 3\$00.

REBELO DE ALMEIDA — *O Fool-ball tornado perigo social*. 66 p. — 5\$00.

SEQUEIRA OLIVA JÚNIOR (LUÍS DE) — *A Electricidade em acção* (Biblioteca de Ensino Técnico) 333 p. 8.º e. grav. e capa il. — 10\$00.

SCIÊNCIAS CIVIS

ANTERO (ADRIANO) — *Comentário ao Código Comercial Português*. Nova ed. Vol. I. 496 p. 8.º.

FARIA (AVELINO DE) — *O Imposto sobre aplicação de capitais no notariado e no registo predial* (antiga décima de juros). 247 p. 8.º — 25\$00.

PEREIRA DA SILVA — *A Sociedade das Nações e o direito penal internacional*. 108 p. 8.º — 10\$00.

VASCONCELOS (ALCINO DE) — *O da guarda* (Escândalos e roubos do Zaire). 270 p. 8.º — 20\$00.

BELAS-ARTES

ALMEIDA MOREIRA (FRANCISCO DE) — *A Cathedral de Viseu*. Sus aspectos architectónicos. 14 p. c. est. — 12\$50.

POLIGRAFIA

Almanaque Bertrand para 1929, coordenado por Maria Fernandes Costa. 366 p. c. grav. e cap. il. — 9\$50.

Almanaque ilustrado do jornal «O Século», para 1929. 352 p. 8.º e. grav. e cap. il. — 5\$00.

BIBLIOGRAFIA

MARQUES JÚNIOR (HENRIQUE) — *Algumas achegas para uma bibliografia infantil*. Com prefácio de Henrique Marques. 147 p. c. o retr. do A. — 25\$00. Ed. especial — 50\$00.

CAMONIANA

CUNHA GONÇALVES (LUÍS DA) — *Camões não esteve em Macau*. 72 p. — 10\$00.

NUMISMÁTICA

ENES (BERNESTO) — *O gabinete numismático*. Inventários: Moedas da Índia Portuguesa, Medalhas Portuguesas, Antónomas da Península Hispânica, Moedas da época germânica. 109 p. 8.º — 14\$00.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS...	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA...	47\$00	92\$00
Registrados...	24\$40	47\$80	93\$60	Registrados...	51\$50	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL...		49\$00	96\$00	BRASIL...	52\$00	102\$00
Registrados...		53\$80	105\$60	Registrados...	61\$50	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR...		53\$00	104\$00	ESTRANGIPIO...	63\$00	124\$00
Registrados...		57\$80	113\$60	Registrados...	72\$60	143\$00

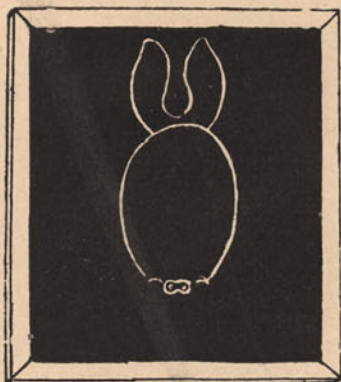
NÚMERO AVULSO 4\$00



Passatempo

A TEORIA DE DARWIN

(Problema)



Certo professor de história natural, fervoroso admirador de Darwin e das teorias transformistas, empenhava-se em demonstrar praticamente aos seus alunos como, no decorrer dos séculos, uns animais se têm derivado sucessivamente de outros diferentes.

Um dia o professor teve de ausentar-se da classe por algum tempo e então um dos alunos, aproveitando essa folga, desenhou na pedra um coelho virado de lombo, dizendo aos companheiros que num abrir e fechar de olhos e sem tirar nem acrescentar riscos mas apenas mudando de sítio os já desenhados, ia transformá-lo noutro animal muito conhecido.

A entrada do professor impediu a terminação da experiência; mas aqui fica o coelho tal como o seu autor primitivamente o desenhou, caso algum dos leitores deseje concluir a obra.

☞ ☞

A patroa: — Ó Ana, vocemecê dá-me cabo da louça toda. Já, com certeza, não chegava ó que ganha por mês para me pagar toda quanta tem partido! Não me dirá o que eu hei de fazer?

Ana: — Aumentar-me o ordenado, minha senhora.

GRANDE SORTE

— Meu irmão tem andado lá por África, há mais dum ano, na caça aos tigres. Voltou agora para casa.

— Deve ser uma coisa excitante! E teve sorte?

— Se te parece! Nunca encontrou nenhum.

— O que aprendeu teu filho, na Universidade?

— Olha, sabe pedir dinheiro duma tal forma, que até parece ser uma honra dar-lho.

☞ ☞

Senhora, condescendente (para o par com quem está dansando): — Meu marido é muito ciumento, por isso eu só danço com pessoas extremamente feias.

O par: — É um bom sistema; eu também sigo o mesmo.

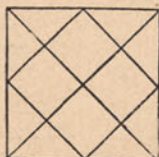
☞ ☞

PACIÊNCIA

(Solução)

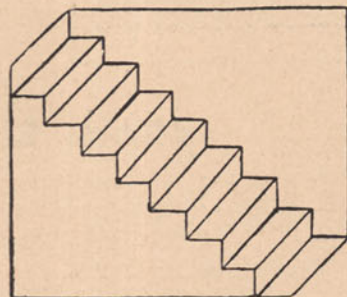
Disponham-se os quatro quadrados pretos e os oito triângulos, conforme o traçado que a presente figura indica. E a paciência está feita. Não há nada mais simples.

Os oito triângulos são equivalentes aos



quatro quadrados, pois cada um dêles é obtido cortando o quadrado em duas partes iguais, no sentido de uma diagonal. Reduz-se, portanto, o caso a traçar sôbre o quadrado fundamental, formado pelos quatro quadrados pretos, um quadrado que tenha o dôbro da superfície dêle.

ILUSÃO OPTICA



Este desenho mostra um lance de escada, de qualquer dos lados que se observe, apesar de serem precisos alguns segundos para os olhos bem perceberem que assim é.

☞ ☞

O marido (entrando, a correr, pelo quarto dentro): — Sai, já, depressa!

A mulher: — O que aconteceu?

— Está a casa a arder e morremos todos queimados se hesitarmos um instante. Corre, anda, corre!

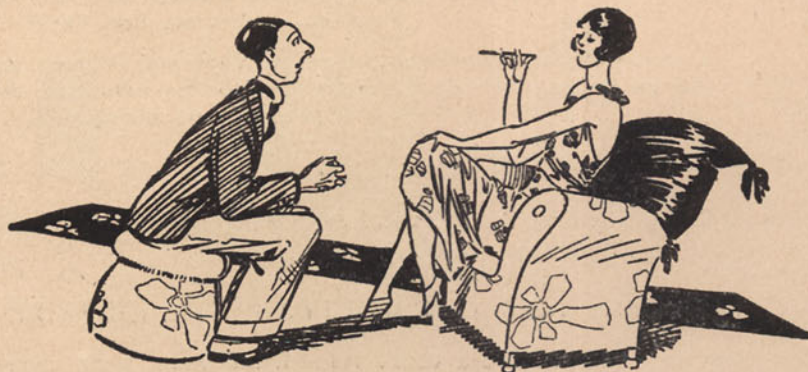
— Já lá vou, num minuto. Tenho de dar uma arrumação ao quarto, para estar decente quando os bombeiros aqui chegarem.

☞ ☞

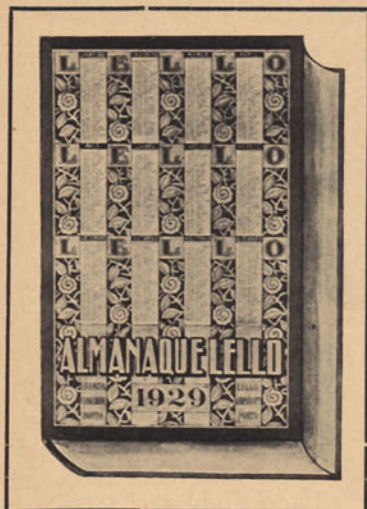
Ela: — Alberto, em que estás scismando? Pareces pensativo!

Ele: — Não é nada que te interesse, minha querida.

Ela (amuada): — Ó Alberto! pois é possível que tenhas coragem de pensar coisas que me não interessem?



ELE: — Ah! minha senhora, as palavras são insuficientes para exprimirem o meu amor.
ELA: — Ainda bem que o reconhece... experimente as jóias.



UMA REVELAÇÃO

O QUE VOS OFERECE O

ALMANAQUE LELLO

(O HACHETTE PORTUGUÊS)

PARA O ANO DE 1929

COMO LIVRO

- O ALMANAQUE LELLO é uma adaptação a Portugal do célebre Almanaque Hachette, o primeiro de todos os Almanques mundiais.
- O ALMANAQUE LELLO contém um pouco de tudo: ASTRONOMIA, AGRICULTURA, MEDICINA CASEIRA, CULINÁRIA, CONTABILIDADE, HISTÓRIA, CIÊNCIAS, DESPORTOS, etc., etc.
- O ALMANAQUE LELLO é um manual dos mais variados conhecimentos.
- O ALMANAQUE LELLO ensina-vos a embelezar a vossa casa, a cuidar do vosso jardim, horta ou pomar, oferece-vos dezenas de receitas de cozinha, revela-vos centenas de factos célebres da vossa História Pátria e dezenas de passatempos, e dá-vos inúmeros conselhos úteis.
- O ALMANAQUE LELLO é um vasto repositório das mais recentes descobertas.
- O ALMANAQUE LELLO é indispensável em tôdas as casas pela sua utilidade. Contém mais de 450 páginas e 600 gravuras.

EIS O LIVRO DE TODOS
E PARA TODOS

A APARECER EM FINS DE NOVEMBRO DE 1928

Ao preço de Esc. 10\$00, cartonado; pelo correio, Esc. 11\$20
Enviado à cobrança, Esc. 12\$00

Para que tôdas as apólices entrem em vigor em Janeiro de 1929, é indispensável que os compradores do "Almanaque Lello" o adquiram durante os 30 dias que se seguirem à sua aparição

PORTO

LIVRARIA CHARDRON

De LELLO & IRMÃO, L.^{DA}

(EDITORES)

144—RUA DAS CARMELITAS

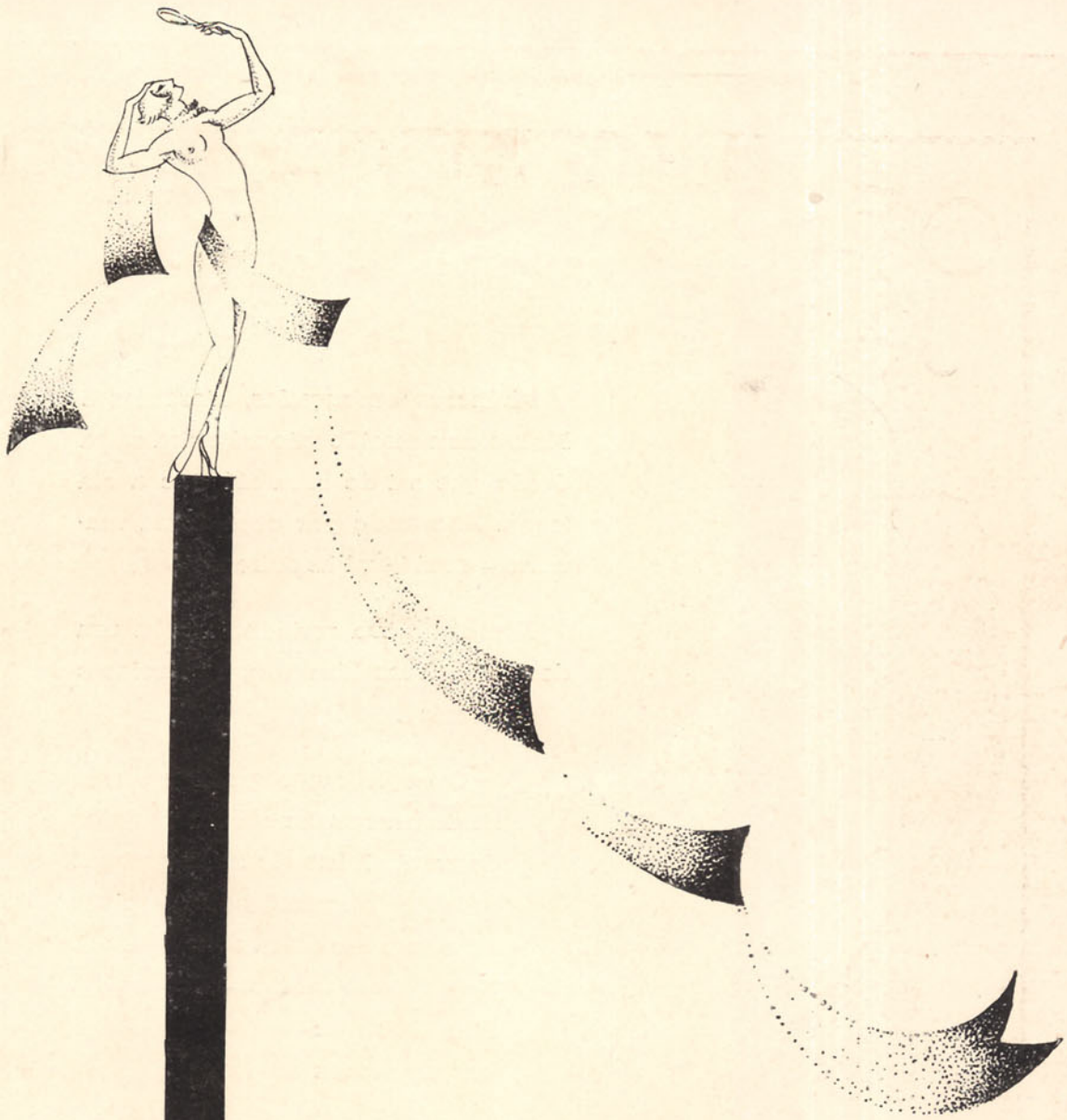
LISBOA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73—RUA GARRETT—75

E EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAIZ

Segurai gratuitamente a vossa vida. É um dever para convosco e para com os vossos



avine
produits de beauté

• Ressurreição, Lda. - R.S. Paulo, 55-3º - Agente em Portugal e Colónias •

O Esposo de V. Ex.^{cia} já está farto d'isso!



Mulheres embuçadas, friorentas...
Mas o seu marido não vê outra coisa
desde que sai de casa até que a ela
torna. Não ande por casa dessa ma-
neira - será igual às outras.

Aqueça a sua residencia com um
dos Caloriferos Vacuum, a petroleo e
depois..

Qual a razão por que não
ha-de usar os seus leves vestidos
de verão? Isto de se conservar
uma "primavera" constante no
lar não é tão difícil como parece.
Uma das receitas é, como V.
Ex.^o acaba de
ver, empregar
com criterio o

Petroleo
SUNFLOWER

VACUUM OIL COMPANY
ROCIO, 67 Telef N 3075

